



THIEF

FAIRY TALE BAD BOYS



USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

ERIN BEDFORD

THE HUNTRESS OF BOOKS



Tradução: Angel Huntress

Revisão Literária: Kamilla

Revisão Final: Violet Huntress

Letícia Pinna; Polyana Lopes

Formatação: Angel Huntress

AVISO

A PRESENTE OBRA FOI TRADUZIDA E DISPONIBILIZADA GRATUITAMENTE PELO GRUPO THE HUNTRESS OF BOOKS COM O OBJETIVO DE TRAZER AO LEITOR LIVROS SEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL.

INCENTIVAMOS QUE AO APRECIAR A LEITURA, O LEITOR PRESTIGIE O AUTOR ADQUIRINDO O LIVRO.

JAMAIS FALE EM QUALQUER REDE SOCIAL, SITE, BLOG, FÓRUM, GRUPO DO AUTOR (A) QUE LEU O LIVRO DELE (A) EM PORTUGUÊS E EM PDF, POIS ISSO PREJUDICA O GRUPO E CONSEQUENTEMENTE TEREMOS QUE PARAR DE TRADUZIR OS LIVROS DO RESPECTIVO AUTOR (A), OU ATÉ MESMO FECHAR O GRUPO POR TEMPO INDETERMINADO. ENTÃO, QUER ELOGIAR? ELOGIE, MAS FALE QUE LEU EM INGLÊS.

LIVROS ADQUIRIDOS E/OU COM CONTRATO COM EDITORA SERÃO REMOVIDOS DA LISTA SEM AVISO PRÉVIO.

NÃO DISTRIBUA NOSSOS LIVROS EM QUALQUER REDE SOCIAL, BLOG, SITE, GRUPO OU FÓRUM, RESPEITE E PRESERVE O GRUPO.

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO? LEIA NO IDIOMA ORIGINAL!

THE HUNTRESS OF BOOKS



FAIRYTALES BAD BOYS

ORDEN DE LETTURA



The Huntress of Books



O OURO NÃO É O ÚNICO TESOURO QUE VALE A PENA TER.

Tom

A vida como Fae era difícil. Foi ainda mais difícil quando o seu último emprego e o amor da sua vida decolam com o seu ouro e a sua filha. Tom Rumble não teve escolha, senão procurar a ajuda da deliciosa advogada humana, em uma batalha de custódia que abriria o caminho para todos os relacionamentos humanos Fae. Se ao menos ele pudesse manter o olho no prêmio e não nos lábios tentadores de sua advogada.

Sage

Ser uma advogada de peso na cidade de Nova York era tudo com que Sage poderia sonhar e, quando chegou sua chance, ela a pegou mais rapidamente do que uma bolsa Gucci na folga. Como todas as coisas boas, nem tudo era como parece. Exilada na Flórida para trabalhar com casos Fae, tudo em que Sage conseguia pensar era se dedicar ao seu tempo e voltar à cidade grande. Mas quando um fae sexy tatuado entrou em seu escritório pedindo sua ajuda para recuperar a filha dele, algo mais começou a mexer com ela.

Capítulo 1

Tom

MALDIÇÃO! Tom jogou o telefone do outro lado da sala.

O som dele batendo contra a parede o fez estremecer. Atravessando a sala, ele se inclinou para pegar o telefone descartado e soltou um suspiro aliviado. Ele não podia comprar um telefone novo agora e ainda ter dinheiro para um advogado. Isso era, se ele conseguisse que ela, aquela que realmente precisava, o ouvisse.

Ele realmente não podia culpá-la. Ela não era a única pessoa apreensiva em ajudar um sobrenatural. A maior parte do país estava dividida ao meio. Alguns até estavam trabalhando para obter direitos de voto e torná-los cidadãos legais em vez de posseiros em um mundo que não os queria.

Às vezes, Tom desejava ter ficado na Corte Seelie e acabado com isso. Não foi tão ruim lá. Sim, a rainha deles era totalmente psicopata e o resto da corte só se interessava por looks e festas, mas na verdade não era muito diferente do mundo humano.

Tom olhou ao redor de seu apartamento, vendo sua TV de tela plana que abrangia metade da parede, seu sofá de couro que o atrasara bastante, mas oh, era confortável, e sua cozinha. Sua cozinha era seu orgulho e alegria, a característica definidora do apartamento. Aparelhos de aço inoxidável. Embora eles tivessem ferro misturado com os outros metais, não era uma concentração tão alta que o incomodava demais. Além disso, eles pareciam fantásticos.

Não. Ele não podia desistir de sua vida de luxo no mundo humano. Pode não haver muita magia, mas ele poderia pedir uma pizza e uma mulher como quisesse às três da manhã e ninguém saberia. Não que Tom já tivesse pago por sexo. Ele era fae e, mesmo que não tivesse a capacidade de atrair um humano para ir para casa com ele, esse fato por si só atraiu muitos dos roadies sobrenaturais, como estavam sendo chamados.

Os faes foram os primeiros a chegar ao mundo humano, seguidos pelos vampiros e depois pelos lobisomens. Surpreendentemente, as bruxas estavam um pouco hesitantes em sair do armário das vassouras, mas uma vez que perceberam que ninguém seria queimado na fogueira, até elas saíram para brincar.

As autoridades humanas tiveram um dia de campo em que todos os sobrenaturais vieram ao seu mundo. Não foi surpresa que eles não tivessem a

capacidade ou a mão de obra para controlá-los. Tom ficou surpreso que eles não tivessem telefonado para a Moderadora antes. Mas, vendo que a relutante princesa não queria realmente fazer parte do mundo deles, muito menos vigiar sobrenaturais impertinentes, ele não podia imaginar que ela tivesse dito sim imediatamente.

Na verdade, a moderadora sugeriu que ele contatasse com Sage Spindle. Aparentemente, ela havia sido uma grande ajuda para conseguir que um membro do conselho desonesto, que pensava que os humanos fossem brinquedos, colecionasse e fosse um especialista quando se tratava de todas as coisas sobrenaturais. Se ela pudesse derrotar um membro do conselho no tribunal, não havia como ela não poder ajudá-lo com o problema dele.

O telefone de Tom tocou na mão dele e ele olhou para baixo. O nome Monica piscou na tela. Apressadamente ele aceitou a ligação, com o coração batendo forte no peito.

Acalme-se, Tom. Não deixe que ela ouça seu desespero.

— Monica, que gentileza sua retornar minhas ligações. — Ele não tentou esconder o desdém em sua voz. Ele ligou todos os dias, pelo menos uma dúzia de vezes por dia, durante o último mês. Desde que ela o deixara com o conteúdo da conta bancária conjunta e da filha de dois anos, Evie.

— Eu estive ocupada —, ela respondeu com altivez.

— Ocupada fazendo o que? Gastando meu dinheiro? Encontrando novas maneiras de manter nossa filha longe de mim? — Tom tentou manter o grunhido fora de sua voz, mas ele ficou sem paciência. O dinheiro, ele sempre poderia conseguir mais dinheiro, mas a filha? Foi aí que ele desenhara a linha.

— Você sabe que não é o que é. — Sua voz perdeu seu tom ativo e ficou baixa, como se ela pudesse ouvir a tensão na voz de Tom, o esforço que o impedia de atacá-la magicamente através do telefone.

— Então, o que é? Você me deixa um bilhete vago e depois vai embora. — Ele gritou não intimidado pela repentina mansidão em sua voz. Como ela poderia fazer isso com ele? O que ele fez para merecer isso? Ele não era o melhor homem do mundo, diabos, ele ganhava a vida enganando as pessoas com o dinheiro delas, mas isso significava que ele merecia perder tudo? Tom não conseguia ver como isso era justo.

— O bilhete não era vago. — A voz de Mônica endureceu, e ele praticamente podia vê-la fazer aquela pose que ela sempre fazia quando ia reamá-lo. Uma mão em seus quadris enquanto ela se inclinava para o lado, seu corpo ligeiramente dobrado para a frente enquanto se preparava para deixá-lo tê-lo. Normalmente,

ela balançava um dedo na cara dele, mas, neste caso, com um telefone na mão, ele teve sorte de estar perdendo a imagem toda.

O pedaço de pergaminho que ela tão gentilmente chamou de bilhete era um pedaço de papel arrancado do jornal de domingo com um forro rabiscado às pressas em tinta preta.

Levando o bebê e o dinheiro para encontrar uma vida melhor. Não venha nos procurar.

Sem assinatura, sem outra explicação.

A princípio, ele entrou em pânico ao pensar que haviam sido sequestrados. Ligar para o telefone dela foi sua primeira ação e, quando foi para o correio de voz, ele trocou de marcha e ligou para as autoridades locais. Muito bom que ele fez. Assim que descobriram que ele não era humano, o aconselharam a ligar para a moderadora para lidar com qualquer uma de suas necessidades sobrenaturais e deixar a polícia por questões *humanas*. Foi assim que eles disseram. *Humano*. Como se o problema dele não importasse, porque ele não era um deles.

Não que ele sempre quis ser humano, mas às vezes ele achava que sua vida poderia ser mais simples se ele tivesse sido, ou talvez se ele tivesse ficado na Corte Seelie. Nada o estava mantendo aqui agora, a não ser sua filha, ou ele já teria levantado e saído. Aquela vadia tinha outra coisa se ela pensasse que ele iria seguir em frente e esquecer sua filha.

— Uma vida melhor não me diz nada. Eu sei que você está com *ele*. — Havia tanta raiva e ódio em sua voz que fez o ar ao seu redor tremer.

Depois de não ter tido sorte com a polícia, Tom tomou as coisas com suas próprias mãos. Ele usou o aplicativo de rastreamento em seu telefone para encontrar Monica. O que ele viu fez seu sangue ferver. Ela estava em New Hampshire, a menos de duas horas de distância dele. Não foi o fato de ela estar em New Hampshire que o matou. Era com quem ela estava.

Ex-parceiro no crime e ex-namorado de Monica, somos apenas amigos eu-juro, Phillip. Ela não foi sequestrada. Ela o deixou e levou a filha para *a casa dele*.

— E daí? — Monica zombou. — Ele é um pai melhor que você. Pelo menos ele é humano.

A raiva que vinha dele encheu o apartamento inteiro com um fluxo crepitante de magia, fazendo as luzes piscarem. Ele continuou vendo sua menina, *sua* Evie, nos braços daquele bastardo. Ela era sua única filha, *sua*. Ele não deixaria que algum humano idiota tentasse reivindicar o que, por sangue, lhe pertencia.

Tom estava lá quando ela nasceu, uma coisinha rosa e contorcida, com olhos azuis elétricos que apenas os faes tinham, e cachos loiros sujos como os dele. Não há dúvida de que ela era filha dele.

A primeira vez que ela riu e sorriu para ele foi um dia que sempre viveria em seu coração. Nos primeiros meses, ela não fazia nada além de chorar e chorar até Tom fazer seus animais de brinquedo flutuarem e dançarem ao seu redor. Isso criou um tipo especial de vínculo entre eles, algo que sua mãe não poderia lhe dar. Tom não estava disposto a deixar alguém tirar essas experiências dele.

Levou cada grama de força nele para não dirigir até lá e bater naquele saco mentiroso do rosto de merda e arrancar sua filha dela. Mas se o fizesse, ele teria as autoridades humanas por toda parte, sem mencionar que a Moderadora viria para cuidar dele, e não o contrário. Eles não eram casados e, como ele era fae, ele tecnicamente não tinha nenhum direito aos olhos da lei, ele sempre se pareceria com o vilão.

Tom passou a mão pelos cabelos e soltou um suspiro exasperado, tentando manter o controle sob controle. — Isso nunca te incomodou antes. O que mudou, Monica? Eu pensei que éramos felizes?

O som que Monica fez na outra linha poderia ter sido chamado de risada, mas parecia mais um animal sendo estrangulado com um acordeão. — Nós nunca fomos felizes, Tom. Foi uma ilusão. Nosso amor era uma ilusão e você deveria saber disso melhor do que ninguém.

— Espere, o que... — antes que ele pudesse dizer as palavras, ela o interrompeu.

— Olha, eu tenho que ir. Se você não quer que eu o processe por uso indevido de magia, é melhor não tentar entrar em contato conosco novamente. Acabou. Nós terminamos. E Evie ficará melhor com isso.

A linha clicou e Tom a encarou, incrédulo. O que diabos aconteceu? O relacionamento deles nunca foi real? Onde ela saiu dizendo algo assim? A situação se tornou ainda mais complicada e ele precisava da senhorita Spindle mais agora do que nunca. Se ela não falasse com ele por telefone, ele teria que ir vê-la pessoalmente.

Capítulo 2

Sage

O TELEFONE DO ESCRITÓRIO mordeu sua orelha e ombro enquanto Sage o pressionava firmemente entre os dois. Uma dor surda se estabeleceu entre seus olhos quando a irritação a consumiu.

— Sinto muito, Sr. Rumples, mas pela última vez não trabalho com sobrenaturais. — Ela nem tentou esconder a frustração em sua voz. Esta foi a quinta vez que ele telefonou nas últimas quarenta e oito horas, e ele simplesmente não pareceu entender. — Sou advogada de defesa de seres humanos *contra* sobrenaturais. Eu poderia lhe dar o nome de um advogado que ficaria feliz em ajudá-lo.

— Eu não quero outro advogado, Srta. Spindle, quero o melhor e é você —, argumentou a voz enfumaçada da outra linha, o desespero por não torná-la menos sexy do que a primeira vez que ouviu.

— A bajulação não o levará a lugar algum, Sr. Rumples. — Ela suspirou no telefone e depois olhou para cima da mesa a tempo de ver sua colega de trabalho Wendy chegando com a ordem do almoço.

Wendy era alta, com pele clara e cabelos castanhos claros, quase loiros, praticamente o oposto total de Sage. Morena, pequena e peituda, essas três palavras foram as mais legais que já foram usadas para descrevê-la. Se ela estava se sentindo particularmente confiante, Sage provavelmente concordaria, mas ultimamente ela não podia deixar de pensar em quão finas eram suas pernas ou em como ela mataria por quadris como Wendy. Então, pelo menos, a parte de cima combinaria com o traseiro.

Sua colega de trabalho que se tornou amiga a teria castigado por seus pensamentos, se ela pudesse ler mentes. Wendy sempre foi a mais pessimista das duas, mas desde que se mudou para o escritório da Flórida permanentemente, foi Sage que foi a Debbie Downer. Provavelmente por causa do enorme anel de noivado que o noivo de Wendy, James, a surpreendeu recentemente. Era apenas mais um lembrete de como Sage estava completamente sozinha.

Wendy colocou as sacolas de comida em sua mesa e sussurrou para Sage: — É ele de novo?

— Sim —, Sage murmurou de volta, revirando os olhos, e depois disse ao telefone: — Olha, Sr. Rumples, eu tenho que ir agora. Tenho outros clientes para

atender, mas se você mudar de ideia, deixarei as informações com minha secretária, Beth.

Esforçando-se ao máximo para não desligar novamente o telefone, Sage pôde ver o Sr. Rumple começar a dizer: — Mas é sobre o meu... — antes que ela desligasse.

Recostando-se na cadeira, Sage soltou um rugido estrangulado. Ela fechou os olhos, respirou fundo e soltou o ar. Abrindo os olhos, ela deu um sorriso fraco para sua colega de trabalho e amiga.

— Tão ruim, hein? — Wendy colocou dois recipientes na mesa de Sage e sentou-se na cadeira geralmente reservada para os clientes.

Quando Wendy abriu o recipiente na frente dela, Sage foi instantaneamente atacada pelo aroma de especiarias e curry. Com água na boca, seu estômago fez um barulho borbulhante que a fez abrir sua própria comida, cavando o conteúdo antes de responder entre mordidas.

— Você sabe, ouvi-lo falar não é tão ruim assim. — Ela engoliu a boca cheia e depois seguiu com um gole da xícara de café que nunca estava muito longe de seu alcance. — Aquele homem poderia fazer a mecânica contínua parecer sexy.

— Então por que você não o aceita? — Wendy cruzou uma perna sobre a outra, a saia azul dobrada firmemente sobre o colo enquanto dava pequenas mordidas deliciosas em sua refeição. Ao ver como Wendy estava comendo em comparação com ela, Sage se forçou a dar mordidas menores e a endireitar sua própria saia.

— Você sabe porque. — Sage lançou um olhar aguçado, segurando sua xícara de café, que dizia: 'Advogado instantâneo, basta adicionar café'. Nas mãos dela. Ela comprou outra que dizia: 'Fale comigo antes de tomar meu café e você precisará de um advogado'. Mas isso tinha dado a ela mais do que algumas carrancas da advogada chefe e gerente do escritório, Sarah, que felizmente ainda estava em licença de maternidade, deixando Sage no comando de mais do que apenas sua própria lista de clientes.

Wendy largou o garfo e lançou a Sage aquele olhar que ela sabia que significava que iria receber um sermão. Enquanto Wendy era uma grande amiga e uma advogada ainda melhor, ela tinha aquela personalidade em que não podia deixar de ser mãe. Coloque um casaco. Não fale com a boca cheia. Essa saia é um pouco curta demais para o escritório? O tipo de coisa que aterra nos nervos de Sage, e ela tinha certeza de que estava ansiosa dessa vez.

— Longe de mim defender um fae - como você sabe, eu tive minha parte

justa de encontros desagradáveis com eles antes - mas isso não significa que sou preconceituosa com todos eles. Eles são como você e eu, alguns são ruins e outros são bons.

Sage franziu o cenho diante de sua comparação antes de encarar Wendy com um olhar duro. — Não estou sendo preconceituosa. Somos firmes em processos *contra* sobrenaturais, e não o contrário. É para isso que serve a moderadora; ele deveria ter procurado ela se estivesse tendo um problema.

— Talvez ele já tenha tentado isso? — Wendy deu de ombros. — Não seria a primeira vez que a moderadora enviava alguém em nosso caminho. Desta vez, é apenas um *deles*. Isso não deveria dar a ele algum tipo de margem de manobra?

— Não está no meu livro. — Ela balançou a cabeça e esfaqueou o garfo no prato, enfiando uma garfada na boca, esperando que a amiga a largasse. Infelizmente, para ela, não teve tanta sorte.

— Então, o que vai fazer? O cara parece desesperado e eu me ofereceria para defendê-lo se eu pensasse que ele aceitaria. Mas ele quer *você*. — Sua amiga apontou seu próprio garfo para Sage.

— Não é que eu não goste de todos os sobrenaturais. — Apenas aqueles que por acaso são como seu pai doador de esperma, mas ela não podia dizer a Wendy que ela era meio fae. Ninguém mais além de sua mãe sabia disso e ela queria continuar assim. Em vez disso, ela jogou o garfo para baixo com um suspiro exasperado e disse: — Me dê um vampiro ou um dia qualquer e eu ficaria perfeitamente feliz em ajudá-los.

Wendy a observou, com uma expressão expectante, como se Sage devesse elaborar seu raciocínio. — Olha, vampiros... você só precisa de um item sagrado e de uma gola alta para garantir que eles não fiquem fora de controle. A onde você fica longe durante a lua cheia e certifique-se de não deixá-los com muita raiva e você é bom. Fae, por outro lado... — Sage parou de falar, — ...não são tão fáceis. Você não pode simplesmente jogar uma cruz neles. Ou uma bala de prata. Eles poderiam colocá-lo sob seu controle sem que você soubesse. O que há para dizer que esse cara não vai tentar me influenciar com sua magia para me fazer ajudá-lo a cometer algum tipo de crime? Ou pior, me fazer sua escrava sexual?

— Mas é para isso que servem os nossos talismãs, lembra? — Wendy tirou uma jóia vermelha de dentro da frente da blusa. — Depois disso, com o presidente sendo atormentado por aquela mulher fae, todos os funcionários da corte, líderes estaduais e policiais precisam usá-los. Temos sorte de os irmãos se

incomodarem em entregá-los para nós, então não há razão para que você deva se preocupar com o fato de ele assumir sua mente. Certo?

Sage mordeu o lábio inferior e não respondeu. Ela não conseguia racionalizar seu medo para Wendy. Não era racional para ela. Embora ela tivesse um talismã e isso funcionou até esse momento, o pensamento de haver uma pequena chance de que ela pudesse ser controlada a petrificou. Mesmo se o cara estivesse desesperado, ela não poderia deixar de lado esse medo.

— Eu sei que você não gosta de fae —, continuou Wendy. — Especialmente depois do que aconteceu com Pan, mas você não pode colocá-los todos na mesma gaveta que ele. Nem todos são mágicos primeiro, perguntas depois. A moderadora com certeza não é assim.

— Isso não vem ao caso. — Sage não entendeu como Wendy poderia ser tão perdoadora quando ela, entre todas as pessoas, deveria estar dizendo a Sage para mandá-lo para o inferno.

Wendy não tinha vindo originalmente para a Flórida. Ela estava visitando o resort fae chamado Ilhas do Nunca, que residia entre a Flórida e as Bermudas. Enquanto estava lá, ela se confundiu com um dos líderes que usaram seus poderes para controlá-la. Felizmente, ela conheceu James e foi capaz de quebrar o feitiço antes que ficasse fora de controle. Houve centenas de casos em que os humanos se tornaram escravos sexuais, mesmo sem saber.

Estremecendo com o pensamento, Sage franziu a testa. — Eu sei o que ele quer.

— Você sabe? — As sobrancelhas de Wendy se ergueram e ela inclinou a cabeça para o lado, os cabelos caindo sobre o ombro em uma cascata marrom.

— Sim. — Sage fechou a parte superior de seu recipiente para viagem e abriu um arquivo ao lado dela na mesa. — Tom Rumble, idade: desconhecida, espécie: fae, solicitando representação em uma disputa civil com sua ex, que roubou seu dinheiro e vários outros objetos de valor. — Fechando o arquivo, voltou-se para Wendy, cujo rosto se enrugou em descrença.

— É isso aí? Uma disputa civil? — ela perguntou, balançando a cabeça, sua voz um pouco mais alta que o normal. — Não há como ele ser tão inflexível em tê-la como advogada por apenas dinheiro e bugigangas.

Sage encolheu os ombros. — Talvez sejam herança de família. Ou talvez os fae sejam realmente gananciosos. — Ela estava apostando no último. Pelo que ela sabia sobre fae, eles tentavam qualquer coisa para fazer um acordo com eles, e quando você o fazia, eles o distorciam para que o que você pensava que queria não fosse o que tinha, e eles acabavam com o fortuna da família. Basta perguntar

à amiga, Megan.

Ela fez um acordo pela vida de seu namorado e acabou presa como serva dos fae, enquanto seu ex-namorado agora fugia com outra mulher. Fale sobre o cuidado com o que você deseja.

Para Sage, os desejos eram pelos fracos. Ela chegou aqui sozinha, sem a ajuda de fadas madrinhas ou magia. Bem, não *aqui*, ela não queria estar na Flórida trabalhando em um pequeno escritório que mal conseguia clientes, mas suas escolhas a levaram até aqui, e ela teve que tomar o remédio e superar isso. Embora, para ser sincera, desde a chegada de Wendy, o número de clientes triplicasse substancialmente. Seus olhos pousaram no anel de noivado de Wendy novamente, apenas mais uma coisa pela qual ter ciúmes dela.

— Bem, se não é por causa do caso, então é porque você obcecada com a voz dele. — Wendy deu a ela um sorriso conhecedor. — Você deveria pelo menos colocar um rosto nessa voz, e então teria algo mais do que seu gato e cachorro para fazer sua companhia.

O rosto de Sage beliscou com o lembrete e o sorriso de Wendy caiu. — Eu sinto muito. Eu não quis dizer dessa maneira. Eu sei que você é duvidosa com os caras por causa do que aconteceu em Nova York, mas você não pode continuar se afastando das pessoas ao seu redor. Uma má escolha não significa que você fará novamente. Michael era um idiota e enganou mais do que você, lembra?

O pensamento de Michael, Sage e Wendy, antigo empregador e namorado, a deixou enjoada. Enquanto as duas ainda trabalhavam para o Darling and Darling LLP, de propriedade de Michael e John Darling, qualquer coisa que a lembrasse de como ela era interpretada fez surgir sua psicopata interior.

Michael estava apelando com sua linha de mandíbula forte e encantos de menino sexy. Ele a varreu e subiu na copiadora com pouco mais do que uma curva do dedo mindinho. Ela ainda estava envergonhada com a facilidade com que se apaixonara por suas palavras. Sem mencionar como Wendy os encontrou um dia, o dia em que Sage descobriu que ela não era a namorada que ele havia proclamado, mas sim a outra mulher.

Enquanto Wendy tinha feito a coisa esperta e desistido, Sage ficou esperando que o melodrama significasse um aumento e uma posição como parceira em seu futuro. Garoto, ela estava errada. Assim que Wendy fugiu da cooperativa, Senior Darling ouviu falar sobre os flertes de seu filho e prontamente lhe ofereceu um emprego em Miami ou desemprego. Sage se perguntava todos os dias, sentada na umidade da Flórida, se tinha feito a escolha certa.

Oprimida pela lembrança de seu fracasso, ela se levantou da cadeira e alisou as mãos na saia. Ignorando o olhar interrogativo de Wendy, Sage pegou sua bolsa e se dirigiu para a porta. Ela precisava limpar a cabeça de Nova York e uma certa voz sexy que não iria embora.

Capítulo 3

Tom

O CALOR SUFOCANTE fez com que a camisa de Tom grudasse nele enquanto ele limpava o suor da testa. O clima da Flórida estava muito longe do clima em que estava acostumado em New Hampshire. Inferno, mesmo Summerville da corte de Seelie não era tão quente!

Tom acabara de chegar a Miami na noite anterior. Ele havia feito um trabalho rápido com uma viúva rica, apelando para o senso de maternidade dela com sua história sobre conseguir um advogado para recuperar sua filha. Era verdade. O fae não mentiu, não completamente. Era muito fácil para os fae farejarem a mentira um no outro, então eles tiveram que encontrar maneiras de mostrar sua mão completa. Por sorte, a viúva teve uma filha distante e ele quase não teve que usar magia para enganá-la a comprar sua passagem de avião e um quarto de hotel que ela disse que ele poderia usar pelo tempo que precisasse. Ela até deu a ele algum dinheiro para gastar em comida e coisas do gênero.

Parado na esquina da rua em que Darling and Darling, o LLP deveria estar localizado, Tom estava literalmente suando as bolas. Ele olhou para a costa do oceano, desejando, mais do que tudo, arrancar suas roupas e mergulhar. A água fria seria um alívio bem-vindo ao calor e aos nervos. Esta foi sua última chance de convencer Spindle a trabalhar com ele. Depois disso, ele teria que encontrar outro advogado ou apelar para o Conselho de Criaturas Sobrenaturais.

A ideia de pedir algo ao conselho fez Tom esquecer tudo sobre o calor. Ele ergueu os ombros e deu passos determinados pela calçada, seus olhos procurando a empresa.

Darling and Darling, LLP não era o que ele estava esperando. Um pequeno buraco na parede se enfiava entre uma lavanderia e um lugar indiano; teve a sorte de ter uma janela e muito menos uma placa acima da porta. A visão não fez Tom se sentir melhor sobre o que tinha que fazer, mas ele aprendeu da maneira mais difícil que a aparência pode enganar, Monica era a prova disso.

Tom entrou na empresa, a campainha acima da porta anunciando sua presença no interior ainda menor. Ele fechou os olhos e deixou o ar frio do escritório tomar conta dele por um segundo, apenas aproveitando o alívio do calor. Ficar ali o dia todo não seria uma ideia indesejável se ele não estivesse lá por uma razão.

Seus olhos se abriram e focaram na mesa à sua frente. Em uma mesa de recepção em frente, estava uma mulher mais velha, os olhos se erguendo do livro, um romance humano bobo a julgar pela capa - um homem sem camisa, no meio de arrebatá-la com pouca roupa. Monica estava obcecada por eles.

— Olá? Posso ajudar? — A mulher mais velha deu um sorriso curioso, colocando o marcador entre as páginas antes de fechar o livro. O rosto marcado por ela tinha mais de sessenta anos e o cabelo colorido de chiclete, um contraste marcante com a blusa azul escura, dizia que ela não estava feliz com isso.

— Hum, sim. — Limpando a garganta, Tom forçou as mãos a parar de se mexer enquanto se aproximava do balcão. Ele nunca tinha sido do tipo nervoso, sempre acostumado a conseguir o que queria, Sage Spindle estava sendo uma exceção. — Estou aqui para ver a senhorita Spindle?

À menção da advogada, seus olhos foram para o calendário de papel à sua frente. Seu dedo ossudo procurou a data de hoje. O que ela viu a fez franzir a testa.

— Sinto muito, mas temo que você esteja um pouco cedo, Sr. Bolten. Tínhamos você lá pelas 3 horas e agora passou uma. Spindle está esperando você? — Sua voz aumentou quando ela se virou para olhar por cima do ombro em direção ao fundo do escritório, onde havia mais mesas e cadeiras.

A dona da mesa ocupada aparentemente não os ouvira porque ainda estava com a cabeça baixa, os cabelos escuros sombreando o rosto. Uma caneta girou entre seus dedos elegantes enquanto ela focava atentamente nos papéis à sua frente.

Sage Spindle. Depois de todas as vezes que ligara, ele conhecia a voz dela como as costas da mão dele. Um tipo sensual de som que o fez pensar em todas as coisas sujas que ele poderia fazer com ela para fazer aquela voz gritar. Enquanto sentada atrás de uma mesa não lhe dava muita visão, o topo carmesim que descia para acariciar o topo de um decote generoso fez seu pênis feliz por ter um corpo para combinar com a voz. Ei, ele pode estar desesperado, mas ele ainda era do sexo masculino, e com sua única prioridade de recuperar Evie, satisfazer suas necessidades físicas não havia sido suficiente.

— Eu não acho que ela ouviu você... — Ele parou, procurando uma placa de identificação, mas franzindo a testa quando não encontrou uma.

— Beth, querido —, ela alegremente forneceu, seu cenho se transformando em um sorriso largo. — Por que não volta, tenho certeza que ela notará você em breve. — Beth deu-lhe uma piscadela brincalhona, que ele retornava com um

sorriso torto que sempre foi um prazer para as senhoras.

Colocando as mãos nos jeans, ele manobrou em torno da mesa de Beth e atravessou o corredor que dividia a sala ao meio. Seus olhos presos na cabeça ainda abaixada, a cortina de cabelo cobrindo o rosto dela se tornando um incômodo. Com um corpo como o dela, ela tinha um rosto que combinava? Tom não sabia qual ele desejava mais. Ser atraído por uma mulher era bom, mas ser atraído pela advogada, para que ele pudesse ter que ficar feio na frente para recuperar a filha, nem tanto.

Tom ficou de pé junto à mesa, esperando que ela o reconhecesse, mas depois de um momento mais ou menos a assistindo girar a caneta entre os dedos, ele caiu em uma das cadeiras à sua frente. Colocando as mãos em cima da mesa dela, ele soltou um suspiro.

Ele não sabia se era o suspiro ou a vibração de suas mãos pousando na mesa que finalmente a afastou de sua tarefa, de qualquer maneira, a visão diante dele fez suas calças incrivelmente apertadas.

Olhos escuros e arregalados, rodeados por cílios longos, ergueram-se para encontrar os dele, um nariz levemente grande, mas que se encaixava perfeitamente em seu rosto, logo acima dos lábios carnudos. De repente, ele não estava pensando nos sons que ele poderia fazer, mas em como seria ter aqueles lábios em volta de seu pênis.

— Eu sinto muito. Temos um compromisso? — Ela gaguejou, seus ombros endurecendo e o leve aroma de excitação encheu o ar. Não era nada novo para ele. Ele tem esse tipo de efeito nas pessoas. Ser fae fez com que ele tivesse um olfato superior, o que tornava impossível para alguém que não fosse outro sobrenatural esconder suas emoções dele.

Sage Spindle estava realmente excitada. Apenas o cheiro dela era quase tangível. Uma especiaria cítrica que deixava sua boca com água e as calças não menos apertadas. Isso poderia estar a seu favor.

— Não, eu não tenho hora marcada. — No momento em que ele pronunciou as palavras, reconhecimento preencheu seus olhos e, se possível, seu perfume ficou mais forte antes que seus lábios se apertassem e seu olhar se tornasse glacial.

— Senhor Rumple — ela disse o nome dele como uma maldição em seus lábios, algo que ele também estava acostumado. Era seguro dizer que ele não era o favorito na corte de Seelie. Ele era exatamente aquele lado bonito demais, charmoso demais, que muitos de seus companheiros fae não confiavam nele.

Não que ele os culpasse. Ele havia feito sua parte justa na fraude na Corte

Seelie. Lá, os moradores tinham mais a perder do que apenas seu dinheiro. A magia, junto com as jóias preciosas, era uma escolha popular no comércio. Nada disso o ajudaria agora.

Pendurado no pescoço de Sage havia um cordão que ele não havia notado antes. Quando ela percebeu quem ele era, ela tentou tirá-lo discretamente da blusa. Se os olhos de Tom não estivessem lutando para ficar em seu rosto e não em seus seios, ele provavelmente não teria notado. Seja como for, o amuleto que ela escorregara entre seus globos gloriosos era o olho de tigre vermelho.

Ele sabia que muitos funcionários públicos e policiais os usavam, mas não esperava um advogado. Especialmente, ninguém que trabalhasse em um escritório esquisito como esse. A senhorita Spindle ou era paga muito mais do que ele pensava, ou era apenas paranóica. Pelo olhar em seu rosto, ele estava apostando no último.

— Não há necessidade disso —, ele apontou para o colar dela que estava preso em sua mão como uma tábua de salvação, — eu não usaria minha magia contra você. Não há necessidade. Mas preciso que você me escute.

A mão dela caiu do colar, embora parecesse machucá-la fazê-lo. A carranca em seu rosto não diminuiu, nem a suspeita em seu perfume. Tom apostou que ele tinha cerca de dez segundos para contar sua história antes de ser jogado para fora de sua bunda.

— Tudo bem —, ela se recostou na cadeira e cruzou uma adorável perna morena por cima da outra, os braços aumentando o mergulho do decote, — você tem cinco minutos.

Tom soltou um suspiro aliviado e passou a mão pelos cabelos antes de colocar as mãos na mesa. — Há um mês, minha namorada, Monica, me deixou. No começo, pensei que ela havia sido sequestrada, seu bilhete era vago e todo o nosso dinheiro havia sumido. Não era como ela.

— Talvez ela tenha ficado cansada? Chegou aos seus sentidos? — As perguntas solidificaram firmemente sua suspeita sobre a posição de Sage em sobrenaturais. Ou ela era uma espécie ou teve uma experiência ruim com um sobrenatural. Tom tentou não deixar isso incomodá-lo enquanto continuava sua história.

— Nada disso importa. — Ele acenou com os comentários dela. — Eu posso perdoar por me deixar. Até me deixando por outro homem.

— Outro homem...

— Espere, deixe-me terminar. — Ele a cortou bruscamente, sua paciência diminuindo. — O dinheiro não importa. O homem não importa. Nada disso

importa. Apenas Evie. — Sua garganta entupiu quando ele disse o nome dela, que escondeu atrás de uma tosse. — Estou na vida dela há dois anos e não há como simplesmente me sentar e deixar Monica tirar o que é meu de mim. Você tem que me ajudar a recuperá-la. Por favor. — Ele esperava que seus olhos mostrassem todo o desespero que sentia por recuperar sua filha, e que ela o reconhecesse pelo que era.

Sage não disse nada. Suas mãos brincavam com a caneta nas mãos, clicando e desatando o topo dela. Depois de um momento, ela pareceu notar o que estava fazendo e imediatamente colocou a caneta sobre a mesa. Os lábios de Sage se alinharam e seus olhos mantiveram uma determinação teimosa. O que quer que ela estivesse prestes a dizer não era algo que Tom queria ouvir.

— Olha, eu tenho certeza, Evie, é? Tenho certeza de que ela era ótima e tudo, como eu disse antes, represento seres humanos, não sobrenaturais. — Tom abriu a boca para interferir, mas ela levantou a mão, parando-o. — E outra coisa, eu lido com casos sérios. O uso indevido de magia é um dos principais. Disputas de custódia sobre animais de estimação não são minha área de especialização. Agora... — ela se levantou da mesa e caminhou ao redor, gesticulando com um movimento do braço em direção à porta — se você não se importa, tenho outros clientes para ver.

— Apenas espere um momento, está bem? — Ele ficou de pé, de repente em pé frente a frente com ela. Ela soltou um pequeno suspiro, que ele teria se deleitado se ela não estivesse sendo tão difícil.

— Evie não é meu cachorro. — Tom bufou, tirando o celular do bolso, abriu as fotos até encontrar uma das suas favoritas e entregou à advogada. — Ela é minha filha.

Capítulo 4

Sage

UMA IDIOTA era o que ela era. A rainha de todos os idiotas do mundo. Não havia um sapato grande o suficiente para caber na boca de Sage. Não há maneira de melhorar a forma como ela agiu.

Uma filha. Era sobre a filha dele. Depois de todo esse tempo, ela assumiu que era algo mesquinho como dinheiro ou vingança. Em nenhum lugar em sua mente ela sequer considerou o fato de que ele estava tão determinado a tê-la como advogada por causa de sua própria prole.

No momento em que sua cabeça se levantou e seus olhos pousaram nos tentadores azuis dele, um formigamento profundo disparou direto para seu núcleo. Ele mantinha o cabelo mais longo, que caiu sobre a testa e roçou a nuca. Os músculos de seus braços se flexionavam como se soubessem que eles tinham uma audiência, e se a aparência dele não fosse suficiente para ter seus hormônios em excesso, o fato de ele ter uma filha e realmente dar a mínima para ela? Isso a jogou no fundo do poço sem corda.

A garota da foto em seu telefone, cuja imagem ela estava olhando intensamente como uma maneira de se recompor, era a imagem cuspidada de seu pai. Os mesmos olhos hipnotizantes, exceto que o cabelo loiro tinha um pouco de cacho que o dele não tinha. *Deve vir da mãe*, pensou Sage.

— Então, senhorita Spindle. Você vai me ajudar? — Sua voz pecaminosamente deliciosa perguntou, seus olhos brilhando com um brilho esperançoso que ela estava pressionada a resistir.

Sage sentou o telefone na mesa e deslizou-o pela superfície, retirando rapidamente a mão do dispositivo antes que ele pudesse tocá-lo. Ela ouviu que o toque torna seus poderes mais eficazes, e embora ele a garantisse que não a iria assediar, ela nunca tomou a palavra de um sup como evangelho.

— Não tive a impressão de que se tratava de uma criança, Sr. Rumple. Se tivesse, não o teria dispensado tão rapidamente, e peço desculpas. — Ela limpou a garganta, engolindo o fato de que seu próprio preconceito quase atrapalhou a forma de ajudar uma criança.

— Então, você vai me ajudar? — Ele perguntou novamente, fazendo os olhos dela se estreitarem em aviso.

— Como eu estava dizendo, se soubesse que teria lhe dito para entrar em

contato com seu moderador, mas como você já me informou que o fez e que ela me recomendou, só posso presumir que seu caso é delicado o suficiente para precisar de um toque especial. Um que só eu posso fornecer. — Sage se encolheu internamente com a frase, sua mente entrando diretamente na sarjeta. O que mais ela poderia estar tocando?

Sage, Sage, a namorada dele o deixou e ele tem uma filha! Não há tempo para pensar com suas partes femininas.

— É o que tenho tentado dizer o tempo todo. — Ele levantou as mãos e fez um grunhido baixo na garganta que encharcou sua calcinha em menos de um milésimo de segundo.

Estava na hora de ele ir embora. Agora.

— Bem, agora você tem. Precisarei obter algumas informações suas e preciso encontrar um juiz que esteja do nosso lado. Não houve muitas batalhas sob custódia humano-sobrenatural, mas houve o suficiente para que eu seja otimista sobre nossas chances. — O sorriso que iluminou seu rosto a fez se assustar antes que ela pudesse detê-lo. Ela se levantou e deu a volta na mesa, preparando-se para conduzi-lo pela porta.

— Obrigado. — Ele se levantou da cadeira também. O nariz de Sage foi agredido por seu tempero almiscarado. Era completamente masculino e de outro mundo. Ela levantou as mãos e deu um passo para trás, os olhos no peito dele, onde a camisa dele estava esticada contra ele, como se estivesse lutando para sair.

— De nada. — Sua voz estava rouca e sem fôlego, fazendo-a franzir a testa. Ela gesticulou para Beth, que nem estava fingindo trabalhar, em vez disso, observando-os como a mais recente novela. — Beth irá agendá-lo para um horário que possamos nos encontrar para revisar os detalhes.

— O que? — seus olhos se arregalaram, confusão em sua voz. — Nós não podemos passar por isso agora?

Sage deu um suspiro irritado: — Não, Sr. Rumple, não podemos. Eu tenho outros clientes para atender. Agora, vou entregá-lo às mãos capazes de Beth e espero te encontrar novamente.

Afastando-se de sua visão deliciosa, ela se inclinou sobre a mesa e mexeu o mouse para ativar o computador. Ela trouxe sua agenda no laptop, procurando um tempo que pudesse encontrar com ele em seguida. O próprio pensamento de vê-lo novamente deu-lhe emoções confusas. Metade dela estava petrificada, a outra metade fazendo com que ela precisasse de um novo par de calcinhas.

— Tom.

— O que? — Ela se afastou do computador para vê-lo ainda de pé ao lado de sua mesa. Seus olhos escureceram até que sua íris era como uma tempestade furiosa. Causou mais do que uma reação física, mas algo espiritual. Como se seus olhos estivessem vendo diretamente em suas profundezas. De todos os olhares que ele lhe dera durante o curto período de tempo, *aquele olhar* a assistiu mais. Ele era o tipo de cara que não queria apenas ter uma noite quente e apaixonada de sexo. Não. Tom Rumble era o tipo de homem que queria possuir seu corpo, coração e alma.

— Você pode me chamar de Tom —, ele explicou seus olhos nunca deixando os dela.

Engolindo, Sage alisou as mãos pela saia, a pele arrepiada como pequenas correntes elétricas correndo pelos braços. — Eu acho que seria melhor se nós mantivéssemos isso o mais profissional possível, Sr. Rumble —, ela disse usando seu sobrenome deliberadamente.

A tempestade em seus olhos começou a se acalmar até que seus olhos estavam azuis brilhantes novamente. Seu rosto se suavizou em um sorriso neutro que não alcançou seus olhos. Era como se suas palavras o tivessem feito recuar, deixando a sala fria e vazia.

— Como desejar, senhorita Spindle. — Ele assentiu levemente e girou nos calcanhares. Os olhos de Sage se moveram por conta própria, prendendo-se nas costas dele e na maneira como seus jeans se agarravam às nádegas. Indo ou vindo, esse fae era um espécime masculino delicioso, mas perigoso.

Correndo para o pequeno banheiro do escritório, Sage jogou água fria no rosto. Ela agarrou a borda da pia e respirou fundo profundamente. Ela precisava se controlar.

Como ela ajudaria a recuperar a filha dele se estar na mesma sala com ele causava uma reação tão visceral? Apenas os últimos cinco minutos foram uma tortura à sua libido. Sua calcinha estava completamente arruinada, e ela não viu isso melhorar.

Por que ela simplesmente não disse que não? A empresa lidava com todos os tipos de casos, desde o uso indevido de magia a coisas como batalhas de custódia, desde que tivessem a ver com uma criatura sobrenatural. Normalmente, porém, ela estava do lado da mãe, então o que tornava este diferente?

Até se perguntando isso era bobagem, porque ela sabia a resposta. O doador de espermatozoides.

Sua mãe teve um caso de uma noite que acabou com ela grávida de Sage, mas quando ela tentou entrar em contato com o cara, ele não estava em lugar

nenhum. Na época, sua mãe não sabia que o homem com quem dormira não era exatamente humano, até que ele apareceu na porta deles quando Sage tinha doze anos.

Ele era exatamente como a mãe dela sempre o descrevia: pele alta e escura que tinha uma espécie de brilho e olhos tão pálidos que quase parecia que ele era cego. Felizmente para Sage, ela herdara tudo de sua mãe, incluindo a falta de poderes mágicos. No momento em que ele percebeu que ela era simplesmente normal, ele desapareceu tão rapidamente quanto viera.

Até aquele momento, Sage realmente não se importava em conhecer o pai. Ela sabia que sua mãe estava sozinha e ansiava por ele. Não foi até que ela era muito mais velha que Sage percebeu que sua mãe estava sofrendo de ser ameaçada. Os seres humanos que acasalam com fae sempre os quererão, seja em um mês ou vinte anos. O desespero de sua mãe havia sido um lembrete suficiente para Sage nunca querer ter nada a ver com outro fae em sua vida. Ela teve muito sucesso até agora, além da aparição ocasional na corte.

Fechando a torneira, Sage começou a secar as mãos e o rosto. Enquanto jogava o papel fora, uma voz familiar soou no escritório, seguida de uma risadinha e mais conversas.

Porra. Wendy.

Sage gemeu com uma súbita realização. Ela teria que contar a Wendy. A amiga dela descobriria de qualquer maneira, e era melhor vir dela do que de Beth. Ela amava a mulher mais velha até a morte, mas era uma fofqueira. Não havia como dizer o que ela diria.

Secando o rosto e as mãos, ela afastou os ombros e se preparou para enfrentar a música. Ela só podia esperar que Tom tivesse saído com o som da campainha da porta. Apenas a chance de vê-lo novamente fez com que seu interior se apertasse.

Ela estava com tantos problemas.

Capítulo 5

Tom

BETH AGENDOU Tom para se encontrar com Sage em uma sala de conferências no hotel em que ele estava hospedado. Disse que seria mais privado do que tentar entrar em todos os seus dados pessoais no escritório. Ela piscou para ele e disse que também lhes daria algum tempo a sós para se conhecerem.

Tom suspeitava furtivamente que a mulher mais velha não quis dizer profissionalmente. Para Tom, isso geralmente não era um problema, mas a maneira como Sage reagiu a ele quando estiveram perto e o fez pensar que ela não estava interessada em conhecê-lo mais, pessoalmente ou de outra forma. Então, surpreendeu-o quando ele chegou ao local da reunião, pouco antes da hora, encontrar Sage já sentada à mesa.

De pé junto à porta, Tom a observou rabiscar em um pedaço de papel, nem mesmo olhando para cumprimentá-lo. Hoje ela estava usando um vestido roxo preso à parte superior do peito. Tom ansiava por ver o pacote inteiro, mas sabia que não seria uma boa maneira de começar o dia pedindo que ela se levantasse para que ele pudesse vê-la.

— Você vai ficar parado olhando ou podemos começar? — Suas palavras foram cortadas e apertadas, confirmando a teoria de Tom de que ela não estava exatamente empolgada por estar lá.

— Eu não sei, Sage, gosto da vista. — Tom não pôde deixar de provocar, propositadamente usando seu primeiro nome. Suas palavras não tiveram o efeito desejado, no entanto. Os ombros de Sage se apertaram e ela sentou a caneta antes de se virar para olhar para ele. Os olhos dela eram frios e insensíveis, os lábios apertados até quase inexistentes. Nenhum senso de humor, aparentemente.

— Vamos esclarecer uma coisa, *Sr. Rumple*. — Ela disse o nome dele com ênfase que fez parecer que ela tinha um gosto ruim na boca. — Estou ajudando você, porque não posso suportar que uma criança perca seus pais. Esta não é uma reunião social. Nós não somos amigos. Seus encantos habituais de fae não funcionam comigo, então sugiro que voltemos aos negócios e você pare de desperdiçar nosso tempo.

Firmemente colocado em seu lugar, Tom enfiou as mãos nos bolsos e caminhou até a grande mesa na sala de reuniões do hotel. Puxando a cadeira para trás, ele manteve os olhos nos dela e não perdeu o jeito que os olhos dela o

percorriam, fazendo com que seu cheiro aumentasse. Ele era inteligente o suficiente para não comentar sobre isso, no entanto. Em vez disso, ele se sentou e esperou que ela começasse.

Balançando a cabeça levemente, ela voltou sua atenção para os papéis à sua frente. — Agora, antes que eu possa começar o processo de recuperar sua filha, precisamos revisar algumas coisas. Preciso obter algumas informações sobre seu status atual e sobre... Monica, foi? — As sobrancelhas dela se ergueram com a pergunta, e seu perfume subiu novamente, mas desta vez não de excitação, mas de outra coisa que Tom não conseguiu identificar.

Forçando a necessidade de perguntar, Tom respondeu: — Tudo o que você precisar saber, eu vou lhe dizer. Quero que saiba que farei tudo o que for necessário para recuperar Evie, e quero dizer *qualquer coisa*. — A ênfase em sua voz não tinha nada a ver com sexo, porém, ele tinha certeza de que ela pensava que ele estava falando sério. Tinha tudo a ver com arrancar a cabeça de alguém e alimentá-la com os trolls. Não que os trolls comam carne, mas o visual geralmente era eficaz ao ameaçar alguém. Tom sabia como o havia usado antes.

— É bom saber, mas provavelmente não será necessário. — Sage pigarreou e endireitou os papéis à sua frente, o cheiro de medo e excitação encheu o ar, fazendo Tom mudar de posição. Ele não sabia como iria passar por essa reunião sem pensar nela nua a cada minuto. Apenas o pensamento dela em cima da mesa, sua saia enrolada sobre as coxas enquanto ele bate nela, o levou até a borda.

Felizmente para ele, ela parecia ser melhor em conter sua necessidade e rapidamente se acalmou, seu perfume voltando ao neutro. Tom ficou intrigado com o controle que ela tinha de suas emoções. A maioria das mulheres que estavam ao seu redor não conseguia pensar em nada além de sexo, e Sage o conhecera não uma vez, mas duas. Se Tom não tivesse sido capaz de cheirar sua excitação, ele teria assumido que ela não era afetada por ele. Isso o confundiu e o surpreendeu.

— Vamos fazer isso o máximo possível pelo livro, então preciso que você seja honesto comigo a cada passo do caminho. Tudo certo? — Quando ele apenas assentiu, seus olhos se estreitaram e ela acrescentou com firmeza: — Não dobrar a verdade. Sem meias mentiras. Eu sei como você gosta de mudar as coisas em seu benefício. A única maneira de isso funcionar é se você for *completamente* honesto comigo.

A maneira como ela falou com ele foi como uma mãe repreendendo uma

criança que foi pega comendo um biscoito antes do jantar. Foi ao mesmo tempo emocionante e encorajador. Ela tinha integridade, e isso só poderia ajudá-lo em sua busca para recuperar sua filha. Infelizmente, não ajudou o aperto desconfortável em suas calças.

— Entendido.

— Bom. — Seu rosto se suavizou e ela olhou de volta para a mesa. — Primeiro, preciso que você me dê as informações de Monica para que possamos solicitar a mediação. — Sage empurrou uma caneta e um bloco de papel sobre a mesa, puxando a mão para trás rapidamente assim que ele a alcançou.

Os lábios de Tom se curvaram com a ação. Ela não queria que ele a tocasse, queria? O pensamento não o teria incomodado se ele não estivesse tão desesperado para tocá-la. Agora, tudo em que ele conseguia pensar eram maneiras de garantir que ela tivesse que tocá-lo.

Rabiscando o endereço e o número de telefone de Monica, ele se levantou da cadeira e levou-o para o outro lado da mesa. Ele sentou o bloco de papel ao lado dela, tendo certeza de que seus dedos roçaram seus braços enquanto fazia isso, fazendo com que a cabeça dela se levantasse e seus olhos se arregalassem.

— Aqui está —, ele murmurou, apreciando o efeito que estava causando nela. — O que mais?

— O que? — Ela perguntou com o rosto corado, sua excitação quase uma coisa tangível que ele podia provar na ponta da língua. Sage balançou a cabeça, seu cheiro desapareceu e perguntou novamente: — O que foi isso?

— Eu disse, aqui estão as informações da Monica. O que mais você quer? — A pergunta era inocente o suficiente, considerando a conversa deles, mas a maneira como ele disse deixou claro que ele estava falando sobre algo completamente diferente. Algo que ele sabia que os dois queriam muito.

Ele a observou engolir, a boca abrindo levemente. Ele quase pensou que ela não se recuperaria dessa vez antes que seus olhos endurecessem e suas sobrancelhas se apertassem firmemente. Quase. Tom não conseguiu conter sua alegria por quase fazê-la perder o controle. Ele caminhou de volta para o seu assento e caiu nele, um sorriso alegre no rosto.

Sage, aparentemente a mais adulto dos dois, não comentou sobre suas ações, mas voltou à lista de verificação como se nada tivesse acontecido. — Em seguida, precisarei fazer algumas perguntas sobre você. Isso ajudará o tribunal a decidir se você é um pai apto e pode providenciar a Evie, caso eles decidam a seu favor. Isso também me ajuda a descobrir a melhor forma de defendê-lo, lembre-se... — seus olhos se fixaram nos dele, — não deixando as coisas de

fora.

— Claro que não —, respondeu Tom, entrelaçando os dedos atrás da cabeça. — Eu sou seu para comandar.

Ela revirou os olhos para o comentário dele e apontou a caneta para o papel. — Primeiro, qual é a sua ocupação?

— Desempregado.

Os olhos de Sage dispararam de seu papel e seus lábios mergulharam em uma careta. — Desempregado? Como isso é possível? Você está hospedado em um dos melhores hotéis da cidade e está dizendo que está desempregado?

Tom seguiu o olhar dela pela sala, vendo a decoração cara. Ele sabia que o hotel estava na escala superior, mas ele realmente não estava prestando muita atenção a ele. Tom estava pensando em receber sua filha de volta, e não em como era o lugar em que estava hospedado.

— Eu tenho um doador generoso que estava mais do que feliz em me ajudar. — Tom deu de ombros, largando a mão na mesa à sua frente. — O que mais?

— Um doador generoso? — Se a pergunta não implicava, o olhar em seu rosto dizia que ela não acreditava nele nem um pouco.

— Sim. Agora, próxima pergunta. — Ele tentou direcionar a conversa para longe de onde estava hospedado e voltar ao assunto. Ele deveria saber que não seria tão fácil. Não com alguém que era tão rigoroso com suas próprias emoções.

— Agora, espere um momento. Você prometeu sem mentiras. Eu preciso saber essas coisas. Se você estiver desempregado, não lhe parecerá bom no tribunal. — Ela balançou a cabeça, clicando a caneta na mão, um hábito que ele notou aumentado quando ela ficou frustrada. — Se você não tem dinheiro para se cuidar, como vai cuidar da sua filha? Ou até pagar para eu representá-lo?

— Bem, como os sobrenaturais não são considerados cidadãos, ou para a maioria, mesmo vivos, e, portanto, não estão sendo tributados ou nosso emprego está sendo rastreado de qualquer forma, aos olhos da lei, tecnicamente eu estaria desempregado. — Tom usou aspas no ar ao redor das palavras, sua explicação desconcertante até para ele.

Quando os sobrenaturais anunciaram sua presença, havia uma coisa enorme em “eles são ou não são alienígenas”. Eles vieram em paz ou realmente estavam lá para dominar seu mundo e experimentar a população humana.

A ideia era ridícula para Tom. Por que diabos eles se importariam com os humanos? Eles tinham alguns acessórios sofisticados e alguma tecnologia que tornava suas vidas mais fáceis, mas comparado ao Tribunal Seelie, o mundo

humano estava seriamente ausente. Isso foi, é claro, salvo pelos monstros que o expulsaram de sua casa em primeiro lugar.

Tom franziu a testa quando Sage continuou seu interrogatório. — Tudo bem então. O que você faz por dinheiro? Quero dizer, você não pode simplesmente conseguir doadores para onde quer que vá. Você não é tão charmoso.

A declaração dela o fez sorrir. Tom sabia que ele era realmente tão charmoso e, em uma mulher menor, ele poderia tê-la e o conteúdo de sua carteira dentro de cinco minutos após a reunião. Seja como for, a avaliação que Sage fez dele o divertiu.

— Oh, posso garantir que sim. — Os olhos dele brilharam com humor quando ela lhe lançou um olhar de descrença. — Mas para responder sua pergunta. Eu sou uma espécie de procurador. Eu uso meus encantos, como você pode dizer, para recuperar coisas que outras pessoas não seriam capazes de obter.

— Tal como? — Ela perguntou, inclinando-se para ele com interesse.

— Artefatos, propriedades, pinturas. Uma variedade de coisas. — Ele encolheu os ombros. — Sou bom nisso, e as pessoas pagam um bom dinheiro para eu usar meus encantos para conseguir o que querem.

— E você está usando magia para adquirir esses objetos? — Sua pergunta foi aguda e acusadora. Ele sabia o que ela estava perguntando, mas sabia que ela não gostaria da resposta dele.

Ele fixou o olhar nela, sem vacilar, quando disse friamente: — Em alguns casos, sim.

Tom esperou que ela gritasse: “Mas isso é ilegal!”. Mas, para sua surpresa, ela não o fez. Ela o observou por um momento, como se estivesse avaliando que tipo de homem ele era antes de assentir e voltar à sua lista na frente dela.

Eles não conversaram por alguns minutos, ela com os olhos firmemente no papel à sua frente, ele com os olhos nela. Ela estava com o cabelo preso hoje. Suas mechas escuras se transformaram em um coque arrumado que deixou seu pescoço longo e nu. Ele ansiava por pressionar os lábios ao longo da coluna do pescoço para sentir seu pulso sob a pele quando ele a tocar. Ela estava no controle do resto de si mesma como era com seu perfume?

A pergunta de Tom ficou sem resposta quando ela voltou os olhos para ele e perguntou: — Então, o que você acha que fez Monica sair tão de repente, pegando todo o seu dinheiro e sua filha? Você me disse o que estava na nota, mas tem que haver mais do que isso?

Passando a mão pelo rosto, Tom suspirou. — Sinceramente, não sabia que

havia algo errado. Estou tão confuso quanto você está agora. Então ela me ligou outro dia, no mesmo dia em que conversamos pela última vez por telefone.

— O que ela disse?

Tom cutucou as unhas, sem olhá-la nos olhos enquanto se lembrava da conversa. Não fazia muito tempo, e tinha sido tão útil quanto o bilhete de Monica. Ele não teria mencionado nada se não tivesse sido a última parte que ela havia dito a ele.

— Que nosso amor não era real. Que nada disso era real. — Ele explicou sua confusão clara em sua voz. — Não sei o que ela quis dizer com isso. Eu pensei que éramos felizes. Estávamos conversando sobre comprar uma casa e se estabelecer em um negócio real, e então ela me deixou. Não sei o que aconteceu.

Seus olhos encontraram os dela e a raiva ali fez seu estômago revirar. — O que? O que você está pensando?

— Acho que terminamos aqui —, retrucou Sage, juntando suas coisas e indo em direção à porta.

Capítulo 6

Sage

ISSO TINHA SIDO uma má ideia. Ela sabia que tinha sido e ainda assim fez por causa de seus próprios problemas com o pai. E veja onde isso a levou.

Não ajudou que Tom aparecesse um pouco amarrotado com aquele olhar acabado de foder que fez suas coxas se apertarem em necessidade. Todo o encontro com ele fora torturado, uma montanha russa de emoções que a mantinha em constante estado de excitação e depois irritação. Sage podia imaginar o que Tom cheirava com seus sentidos elevados de fae, e a horrorizou que ele pudesse lê-la tão facilmente.

Era por isso que toda vez que ela se encontrava caindo em seus infinitos olhos azuis, ou tinha o desejo de rasgar a camisa dele e descobrir o quão lamentável eram seus abdominais, ela prontamente a esmagava. Era fácil esfriar sua libido desenfreada, apenas um pensamento de como sua mãe chorava todas as noites durante um ano depois que seu doador de esperma havia parado naquela época era suficiente para matar qualquer atração que ela tivesse pelo cliente. Pena que isso não o impediu.

— Onde você vai? — sua voz profunda chamou-a, o som da cadeira recuando, enchendo a sala.

— Já acabamos. — Sage parou, girando nos calcanhares. — Eu sinto muito. Eu pensei que poderia ajudá-lo, mas não posso. Você tem que encontrar outra pessoa. A moderadora nunca deveria ter sugerido que você viesse a mim.

Tom deu a volta na mesa e foi na direção dela. Ela se forçou a não recuar quando ele estava perto o suficiente para sentir seu corpo esquentar. Bloqueando os olhos com ele, ela se lembrou do que ele havia feito e não do quanto sua mão coçava para tocá-lo.

— Você não entende? Não há mais ninguém. — Ele a alcançou, mas ela se afastou, não confiando em si mesma para deixá-lo tocá-la. Tom pareceu entender e deixou cair as mãos, mas não recuou. — Se não for você, vou ter que tentar recuperá-la sozinho ou, pior ainda, passar pelo conselho. — Ele balançou a cabeça, com tristeza no rosto. — Ninguém ganha deles.

Sage sentiu por ele, não tendo lidado com o conselho de criaturas sobrenaturais, mas tendo ouvido falar de outros que o fizeram e não foi agradável. O conselho era duro e inflexível; os sobrenaturais desonestos só os

temiam um pouco mais do que a Moderadora, e isso era apenas porque o conselho decidia seu destino. A moderadora apenas os perseguiu e ajudou a distribuir o castigo. O fato de ela ter sugerido Tom vir a Sage em vez do conselho dizia muito, mas ela não podia ignorar os fatos, e Tom não era alguém que ela poderia ajudar. Ela simplesmente não podia.

— Eu sinto muito. Eu simplesmente não posso ajudar alguém que usaria sua magia para afastar outra. Eu já vi o que isso faz com as pessoas e não ajudarei alguém que possa fazer uma coisa dessas. — Cheia de uma raiva justa, ela balançou a cabeça para ele.

— Magia? — Os olhos de Tom se arregalaram e então seu rosto endureceu. — Eu não sei o que faz você pensar que eu faria isso. Eu poderia usar minha magia para convencer as pessoas ao meu lado, mas nunca forçaria alguém a fazer minha vontade. Isso está errado. — Havia uma repulsa genuína em sua voz que causou uma esperança a crescer nela.

— Então por que Monica diria que não era real? — Sage cruzou os braços sobre o peito, pressionando os papéis contra ela. — A maneira como ela formulou isso deixa apenas uma conclusão, e foi assim que você a forçou a estar com você, a amar você. Se for esse o caso, não posso ajudá-lo e ninguém mais o fará. O uso indevido de magia é um crime grave e eu deveria entregá-lo por suspeita.

— Agora, espere um minuto. — A mudança em seu rosto foi instantânea. Foi-se o homem sedutor e charmoso e em seu lugar havia um ser perigoso que fazia o ar da sala sufocar e Sage recuperar o fôlego. A tempestade que ela testemunhara em seu escritório era apenas um pouquinho do que Tom era, e se a pressão que ela estava sentindo agora era algo como o poder total dele, ela não conseguia imaginar como era a Moderadora.

— Eu posso ser muitas coisas. Ladrão, bandido, vigarista, mas eu não sou e nunca fui um monstro. — Sua voz ecoou, a vibração dela sacudindo Sage até o âmago dela. — Você pode não gostar muito de mim, ou de qualquer um de nosso tipo, mas isso não lhe dá o direito de assumir automaticamente que somos todos iguais. O que é que te fez assim? Isso faz você se apegar tanto ao seu olho de tigre?

Ele apontou para a mão dela, onde ela realmente estava segurando seu amuleto. Ela nem percebeu que estava fazendo isso e prontamente o soltou, forçando a mão para o lado. Respirando fundo, Sage levantou os olhos para os acusadores dele.

— Minhas razões são minhas e não são da sua conta. — Suas palavras

eram frias e cortadas, levando tudo nela para não morder a cabeça dele. Após sua demonstração de poder, ela não tinha vontade de irritá-lo ainda mais, mas ele precisava saber que não podia falar com ela dessa maneira.

— Então você pode bisbilhotar a minha vida, mas eu não posso saber sobre a sua?

— Está certo. Porque sou sua advogada. Você me contratou para salvar sua bunda arrependida e, ao fazer isso, estou a par de todos os detalhes sórdidos da sua vida. — Sage colocou a mão no quadril, inclinando-o para o lado, o nariz virado para cima. — Ou você estava apenas fingindo se importar em ter sua filha de volta?

— Não! — Tom gritou, diminuindo a distância entre eles, deixando a sala sufocante por uma outra razão. Ele pigarreou e enfiou as mãos nos bolsos, olhando para baixo e depois para ela. — Quero dizer, sim, eu me importo em ter minha filha de volta. Eu sinto muito. Eu sei que você está apenas fazendo seu trabalho, mas insultar alguém não é apenas um crime grave em seu mundo. É uma ofensa ainda pior na nossa e acusar alguém disso é tão ruim quanto. Mas é claro que você não sabe nada sobre nossos modos, então peço desculpas por reagir da maneira que fiz, foi rude.

Sage sentiu a cabeça se mover para cima e para baixo, embora não estivesse realmente ciente de que estava fazendo isso. Tom ainda estava de pé apenas um centímetro de distância dela. Foi um pouco esmagador, mesmo quando eles não estavam fazendo nada além de conversar. Bem, *ele* estava falando. Ela estava lá como uma idiota.

— Compreendo. — Ela se ouviu dizer, sua boca ficando mais seca quanto mais tempo ele ficava perto dela, olhando-a com aqueles olhos cerúleo. Balançando a cabeça, ela olhou para os pés e depois voltou para o rosto dele. — Eu não deveria ter suposto. Peço desculpas também.

Tom soltou um suspiro que os roçou levemente contra o outro. A sensação disso não deveria tê-la afetado tanto, mas de repente ela descobriu a necessidade de estar o mais longe possível de Tom Rumble, ou estaria com problemas em ser uma daquelas mulheres que se apaixonaram por seus encantos.

— De qualquer forma —, ela se afastou dele se preparando para virar em direção à porta. — Eu tenho que ir agora. Temos um bom começo e a Beth marcará outra reunião em breve. — Ela deu uma risada nervosa. — Quem sabe, você pode ter sua filha de volta nos braços até o final do mês.

— Espera. — A mão dele envolveu seu braço enquanto ela estava no meio da rotação, impedindo-a de correr para a porta como ela desejava. — É isso?

Mal começamos. Eu pensei que você precisaria de mais informações do que isso. — Ele balançou a cabeça, a confusão gravada em seu rosto. — Eu poderia ter lhe contado tudo isso por telefone.

No instante em que a mão dele a tocou, ela sentiu como se estivesse pegando fogo. Cada centímetro dela se transformou em vida. Era como se seu interior estivesse dançando uma música sensual que ela não conhecia e todos eles terminassem mais perto do fae na frente dela.

Sage engoliu em seco, tentando encontrar uma boa desculpa para sua saída apressada, mas estava ficando em branco. Ela não podia simplesmente dizer a ele que precisava sair porque não conseguia parar de pensar nos lábios dele nos dela, ou no que seria sentir as mãos dele em seu corpo. Não, ela não poderia ter isso. Sage estava determinada a não ser como a mãe e acabar com o coração partido e ansiando por um homem que nunca mais voltaria.

— Sinto muito, tenho outras coisas para fazer e este é um bom começo. Nos encontraremos novamente em breve. — Ela tentou se afastar dele mais uma vez, mas ele continuou firme. A energia nela mudou de uma dança sedutora para zangada. Empurrou contra sua pele como se fossem as barras para uma célula da qual precisava desesperadamente se libertar.

Ela colocou a mão no peito de Tom com a intenção de empurrá-lo para longe, mas como ela disse: — Deixe-me ir —, a energia escapou de sua mão e seu pequeno empurrão acabou fazendo com que ele voasse pela sala. Ele caiu no chão, os olhos arregalados de admiração.

Olhando horrorizada para a mão, Sage tentou entender o que havia acontecido. Tom não ficou muito tempo, no entanto, e no momento em que ele se levantou, Sage estava do lado de fora da porta, correndo, nem mesmo aproveitando o momento para pegar as coisas que ela deixara cair na briga.

Capítulo 7

Tom

A CAMINHO de seu quarto de hotel, Tom refletiu sobre o que acabara de acontecer. A reunião não foi muito bem, terminando com os dois tendo que se desculpar, mas essa não foi a parte que o surpreendeu. Eles tiveram um relacionamento volátil desde o momento em que se conheceram. Cada um deles empurrando e puxando, principalmente ele puxando-a para ajudá-lo, mas nunca tinha acontecido assim.

Ela tinha magia! Tudo faz sentido agora. Ou ela era uma bruxa e negava seus poderes, ou era parte fae. Ele apostaria em fae a qualquer dia. Seu ódio por sua espécie e o jeito que ela pulou dele ao pensar nele assediando a Monica dizia tudo.

Isso também explicaria por que a química entre eles era tão palpável. Tom nunca tinha sido tão atraído por um humano antes, e ele só se sentiu como se sentia com Sage quando estava com outro fae. Ele deveria ter visto isso antes, percebido, mas estava tão envolvido em recuperar a filha que nem sequer lhe ocorreu.

Infelizmente, isso tornou as coisas ainda mais complicadas do que já eram. Desde que a magia dela o tocou, ele estava duro como uma rocha. Ele não queria nada além de caçá-la e arrebatá-la até que ambos estivessem saciados. Como diabos ele iria manter as mãos longe dela por tempo suficiente para vencer no tribunal?

Tom balançou a cabeça e sorriu para si mesmo. Pelo menos a viagem não foi um desperdício total. O pensamento foi interrompido quando ele chegou à porta do quarto de hotel e encontrou outra pessoa na frente dela.

Encostado na parede, a cabeça baixa olhando para o telefone, estava Phillip. Com os cabelos escuros raspados perto do couro cabeludo, ele mal alcançava o queixo de Tom, um aspecto que sempre irritava Phillip e Tom não tinha escrúpulos em ampará-lo.

Phillip era o parceiro de negócios de Tom e Monica há dois anos, antes de Evie nascer, antes de ele receber uma oferta de emprego em outra parte de New Hampshire. Onde Monica atualmente residia. Pensando nisso agora, era meio conveniente que ele partisse exatamente quando Tom e Monica descobriram que estavam à espera. Muito conveniente.

— O que você está fazendo aqui? — Tom perguntou, nem mesmo tentando manter a raiva fora de sua voz. Levou tudo nele para não jogar Phillip através de uma parede, muito menos conversar com ele.

Afastando do limiar, Phillip enfiou o telefone no bolso. Se ele tinha medo de Tom, ele não demonstrou, apenas deu a ele um sorriso irônico que fez o sangue de Tom ferver.

— O que? Olá, tudo bem?

A mandíbula de Tom se apertou e suas mãos se apertaram com o tom zombador de Phillip. Ele estava realmente dificultando para Tom não ficar violento. Respirando fundo, lembrou-se de pensar em Evie. Se ele matasse o bastardo agora, ele nunca recuperaria sua filha, e ele não poderia ter isso.

— Olá, como você está, ou melhor ainda, como está Monica? — ele perguntou, para não ser agradável ou que realmente se importava, mas para que ele soubesse que não estava escondendo nada de Tom.

— Ela está indo muito bem! Obrigado por perguntar. Evie não sente sua falta, caso você esteja se perguntando. Ela tem o bom e velho tio Phillip para fazê-la rir agora. Não há necessidade de um monstro desbotado como você para um pai. — Phillip cuspiu, seu desdém pelo tipo de Tom claro como o dia.

Quando Tom e Monica se reuniram pela primeira vez, eram apenas os dois. Executando esquemas e ganhando dinheiro. Então, um dia, ela trouxe Phillip para a mistura. Disse que sabia como eles poderiam ganhar muito e, na época, Tom estava apaixonado por ganância e não ter notou os olhares de nojo que Phillip dirigia em sua direção. Foi só mais tarde, muito mais tarde, quando eles estavam trabalhando, roubando uma grande peruca de uma obra de arte sem preço por quase nada, que Phillip deixou escapar seu preconceito.

Um comentário meio brincalhão de “Você é um sup, o que a lei se importa com você?” piscou sinais de aviso para Tom. Usar *sup* era equivalente a usar o termo errado para se referir a outra raça. Embora não fosse ilegal, poderia causar problemas à pessoa com mais frequência do que se estivesse na multidão errada.

Esse desliz foi a desvantagem de sua parceria. Phillip começou a não aparecer com tanta frequência, e Monica apenas dizia que ele tinha outro emprego. Tom não acreditou em nenhum deles, mas o que ele poderia dizer? Não é como se ele quisesse o cara por perto.

Agora, com Phillip em pé na frente dele, alegando que a filha de Tom não precisava dele porque ele era um dos monstros sujos, Tom podia ver o que havia acontecido com Monica. Tinha sido Phillip. Ele era um tolo por não ter percebido isso antes.

— Vou perguntar uma vez mais e depois vou ligar para a segurança. — Tom fez uma pausa para enfatizar. — O que você está fazendo aqui?

— Oooh, segurança. Estou com tanto medo. — Phillip apertou as mãos na frente dele e riu. — O bom e velho Rumpel perdeu o toque. Chega de “vou quebrar suas pernas”, mas “vou chamar de segurança”. Ha! Que desperdício.

Vermelho piscou atrás dos olhos de Tom e, antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele segurou Phillip pela gola da camisa e empurrou-a contra a porta do quarto. Seus pés balançando de onde Tom o suspendeu, os olhos de Phillip se arregalaram e o primeiro sinal de medo encheu seu perfume.

Tom se inclinou para perto até que seus narizes quase roçaram e rosnou: — Que porra você está fazendo aqui? Isso já é suficiente para você?

— Agora, vamos, Tom —, ele gaguejou, olhando para o corredor como se procurasse alguém para ajudá-lo. — Eu não vim aqui para lutar.

Apertando o aperto no colarinho de Phillip, Tom enviou uma leve sacudida de magia através dele. — Então o que você está fazendo aqui?

— Só estou aqui para te avisar. Eu juro. — Os pés de Phillip chutaram abaixo dele, e ele lutou para se soltar de Tom, mas ele não era páreo para sua força fae. Ele era uma barata no chão que Tom se absteve de esmagar apenas para o benefício de sua filha, e mesmo assim era duvidoso.

— Me avisar sobre o que?

O outro homem parou de lutar por tempo suficiente para sufocar: — Se você não deixar Monica e Evie em paz, nós o entregaremos por mau uso da magia.

Tom revirou os olhos. — Ninguém vai acreditar que eu usei magia nela por todos esses anos, tive uma filha e não percebi que algo estava errado. Não vai aguentar no tribunal.

— Tribunal? — Os olhos de Phillip se arregalaram, seu cheiro subindo de medo mais uma vez. — Ninguém disse nada sobre ir ao tribunal. Estamos apenas conversando sobre o Conselho, e eles acreditarão em nós quando tivermos anos de incidentes documentados em que você usou sua mágica para roubar dinheiro e bens de seres humanos. Acha que eles deixarão você ficar aqui, muito menos se aproximar de sua filha? — A cobra balançou a cabeça com um sorriso presunçoso. — Você não voltará a três metros no mundo humano quando eles se apoderarem de você.

Infelizmente, o idiota tinha razão. Se o Conselho soubesse que Tom fazia magia com humanos, mesmo com a menor influência, eles o jogariam de volta ao reino dos fae mais rápido do que ele poderia dizer Bandersnatch. Enquanto a

ameaça contra os fae desapareceu, Tom ouvira falar sobre como estava a Corte Seelie agora e não tinha intenção de voltar a ficar à mercê dos cuidados da rainha. Ele passou um século cumprindo seu dever por sua rainha e ele terminou.

A pergunta era: como ele vai impedir a doninha de contar e ainda conseguir recuperar a filha?

Voltando sua atenção para o homem em suas mãos, ele deixou um sorriso lento deslizar em seu rosto. O sorriso também não era bom. Phillip era inteligente o suficiente para perceber isso também, porque chutou os pés e agarrou a mão de Tom, tentando mais uma vez se livrar de suas garras.

Tom sentou Phillip de pé novamente e soltou o colarinho. Endireitando a camisa do homem, Tom disse: — Vá em frente.

— O... o que? — ele gaguejou.

— Você me ouviu. Diga a eles. — O sorriso de Tom aumentou, um tremor delicioso passando por ele com o olhar no rosto do outro homem.

— Mas... mas você será jogado fora! Jogado no reino dos fae e nunca mais volta. E quanto a Evie? Você nunca mais a verá! — O pânico encheu sua voz que só causou encorajamento em Tom com sua charada.

— Está tudo bem. Tenho certeza de que poderia pedir que ela fosse transferida para o Tribunal Seelie comigo. Vendo como mãe dela e você estará na prisão. — Tom deu de ombros e tentou não rir da confusão no rosto de Phillip.

— Prisão? Porquê?

— Quero dizer, quando dizer a eles que vocês dois estavam lá comigo, me incentivando, fornecendo alvos para roubar. — Tom balançou a cabeça com a confusão nos olhos de Phillip. — Eles não vão acreditar que eu poderia roubar tudo isso sozinho, não é? — Ele deu uma leve risada. — Eu sou bom, mas não tão bom. Vai ser fácil provar que você e Monica orquestraram a coisa toda, e eu era apenas um fae solitário que estava desesperado para ganhar a vida.

— Mas isso é mentira! — O rosto de Phillip ficou vermelho e seus ombros enrijeceram quando ele apontou um dedo para Tom. — Foi você quem foi o orquestrador, não eu, e certamente não Monica. Foi ela quem você decidiu cavar suas garras fae no momento em que sentiu vulnerabilidade nela.

Vulnerável? Monica? Tom não conteve o bufar. O único dia em sua vida em que Monica foi vítima foi quando ela jogou pelo trabalho deles. Foi um papel que ela desempenhou bem. Muito bem, Tom pensara em mais de uma ocasião.

— Vou lhe dar um conselho, Phillip, e sugiro que você o aceite. — Tom bateu no ombro do homem. — Se Monica voltou para você, não é porque ela

precisava de você. Monica não precisa de ninguém além de Monica. Eu aprendi isso da pior maneira. — Ele riu amargamente. — Mas você já sabe disso.

— Você está errado. Monica me ama, é de você que ela não precisa. — As palavras de Phillip soaram como se ele estivesse tentando se convencer mais do que Tom.

Tom quase sentiu pena do pobre bastardo. Ou seja, se ele não tivesse ajudado a destruir sua vida. Monica perdeu a simpatia e o amor dele no momento em que percebeu que ela pretendia manter a filha dele. Dane-se o homem na frente dele e dane-se a Monica. Ambos podiam apodrecer no inferno por tudo que ele se importava.

— Você continua dizendo isso a si mesmo, Phil. — Tom tirou o cartão-chave do bolso e empurrou o homem para o lado. — Agora, saia do meu hotel antes que eu fique realmente chateado.

— Bem. — Phillip ajeitou a camisa com uma fungada. — Mas não esqueça o que eu disse. Se você sabe o que é bom para você, vai largar isso, e talvez Monica jogue um osso para você nos feriados.

Sem Phillip, Tom abriu o quarto e suspirou. Hoje tinha sido realmente um dia cheio de estresse. Primeiro, a reunião com Sage, que acabou sendo mais do que um pouco chocante, e depois a ameaça de Phillip. Tom não achou que fosse a última vez que ele veria o homem, mas pelo menos levaria algum tempo para que a lei fosse do seu lado.

Agora, se ao menos sua advogada fosse tão fácil de convencer.

Capítulo 8

Sage

QUANDO SAGE saiu do hotel, não tinha parado de andar até chegar em casa. Foi quando ela percebeu que havia deixado toda a papelada para o caso de Tom no chão da sala de reuniões. Amaldiçoando sua própria estupidez, ela pensou em voltar atrás, mas o pensamento de ver Tom novamente tão cedo a deixou enjoada.

Esquece, os pegarei amanhã. Ou talvez ela pudesse convencer Wendy a buscá-las para ela. Se ela tivesse sorte, Tom os levaria pelo escritório por conta própria e ela não precisaria se preocupar com isso.

Fazendo uma anotação mental para arquivar os papéis para a mediação amanhã, Sage entrou em sua cozinha. Ela pegou a caixa de comida de gato e encheu a tigela de Serendipity. O som da comida batendo na tigela tirou o gato preto e branco do esconderijo e enrolou-se nos tornozelos de Sage. Um ronronar vibrou na pele de Sage e ela instantaneamente se sentiu mais calma.

Ela não sabia o que era sobre gatos, mas apenas estar perto deles a fazia se sentir melhor. Gatos não eram como humanos, onde ela tinha que prestar atenção neles e se preocupar com seus sentimentos. Serendipity estava perfeitamente feliz por ser deixada por conta própria, desde que Sage a alimentasse e a acariciasse de vez em quando. O único aspecto negativo era a necessidade constante do gato de ficar em cima do computador de Sage quando ela estava tentando trabalhar.

Abaixando-se, ela coçou a gata atrás das orelhas antes de se virar para encontrar sua própria refeição. Sage não era uma chef de cozinha e a cozinha em seu apartamento não era de primeira, mas era funcional. Na maioria das noites, ela tentava fazer uma refeição saudável, mas hoje ela estava exausta demais para se importar.

Havia uma pilha de menus para viagem que ela sempre mantinha ao telefone para essas ocasiões. Sage aprendeu rapidamente quais eram os melhores locais de entrega e quais a fariam esperar duas horas e depois a deixariam com comida fria. Isso era se ela tivesse sorte o suficiente para obter a ordem certa.

Chinês ou sopa? Enquanto ambos eram alimentos de conforto para ela, a sopa era provavelmente a escolha mais saudável. Pegando o celular, ela discou o número da loja e esperou.

— Casa do Dragão, o que você quer? — A voz fortemente acentuada respondeu na outra linha.

— Sim, eu gostaria do número quatro, com o arroz frito, não cozido no vapor. Dois rolinhos de ovo, um pedido de Rangoon de caranguejo e um número onze sem molho. — Sage soltou a ordem habitual. Ela olhou para Serendipity e colocou a mão sobre o receptor, franzindo a testa. — Não me olhe dessa maneira. Você não sabe o que eu passei hoje. Eu preciso disso. — Ela colocou o telefone de volta no rosto e disse: — Sim, é tudo. Vinte minutos? Isso é bom.

— São vinte e duas e cinquenta —, disse a voz em seu ouvido e, em seguida, a linha desapareceu. Sage desligou o telefone, sem se incomodar com a brusquidão deles. Eles não tinham um ótimo atendimento ao cliente, mas a comida era deliciosa e exatamente o que ela precisava para esquecer as últimas horas.

Na maioria das noites, ela se aconchegava com uma xícara de café quente lendo seu último romance travesso antes de ir para a cama. Hoje à noite Sage sabia que qualquer coisa relacionada a romance ou sexo a faria imaginar uma fae de olhos azuis da qual ela precisava se distanciar, sem fantasiar.

Não, hoje à noite não era uma noite de café e romance. Era uma noite de vinho e compulsão para assistir a seu DVR.

Antes de derramar seu primeiro copo da noite, Sage tirou a roupa de trabalho e vestiu seu par favorito de calças de pijama felpudas. Eles eram hediondos. Uma combinação de tecido xadrez que parecia que um unicórnio vomitou e o designer acabara de dizer 'Jogue em um par de calças'. Ela nunca os usaria em público - tudo bem, então talvez ela tenha tido aquela vez em que teve gripe e precisou de remédios - apenas em casa quando estava se sentindo péssima. Esta noite definitivamente caiu nessa categoria.

Afundando no sofá com sua taça de vinho, Sage ligou o programa que estava gravando. Era sobre uma mulher que administra uma loja de antiguidades e encontra um colar que lhe dá poderes mágicos. Observar a mulher lutando com o desenvolvimento de seus poderes fez Sage lembrar o que havia acontecido na sala de reuniões. Não que ela tivesse esquecido. De fato, ela deliberadamente não estava pensando nisso.

Como isso tinha acontecido? Um momento ela estava lá, tentando fazer uma saída graciosa e, em seguida, o próximo Tom estava do outro lado da sala. Ela realmente fez isso?

Ela levantou a mão livre, girando de um lado para o outro. Bem, não parecia diferente. Talvez tenha sido um acaso. Apenas o fae em sua resposta ao

de Tom.

Sage assentiu. Isso tinha que ser. Ela não tinha magia. Quase trinta anos sem um sinal do lado de seu pai nela. Por que apareceria agora?

Pegando o telefone, ela quase ligou para a mãe, mas depois se conteve. Ela não saberia mais do que Sage sabia o que estava acontecendo com ela. Não era como se sua mãe tivesse poderes mágicos. A única coisa que Sage poderia telefonar para perguntar seria como era estar com um fae, e Sage não queria fazer isso.

Não era apenas um tópico embaraçoso, mas sua mãe facilmente se deprimia a qualquer momento em que faes ou criaturas sobrenaturais apareciam na conversa. Isso dificultava as reuniões de família com o trabalho de Sage e tudo. Não. Ligar para ela estava fora de questão.

Quando ela estava prestes a começar outro episódio em seu DVR, a campainha tocou. *Isso foi rápido*, pensou Sage, levantando-se do sofá. O lugar chinês era geralmente mais lento que isso. Ela teve sorte de conseguir sua comida em pouco mais de uma hora. Meia hora foi um novo recorde.

Pronto para dar uma gorjeta ao entregador, Sage abriu a porta e encontrou Tom Rumble em pé na porta, segurando os papéis da reunião. Ele parecia recém-tomado banho e absolutamente apetitoso. De repente, ela só queria uma coisa dentro dela e era esse homem à sua frente.

Com a boca seca, Sage segurou a porta com força. — Bem, você não é meu Chou Mein.

Lábios erguendo-se em um de seus sorrisos irresistíveis, Tom estendeu os papéis para ela. — Eu só queria deixar isto. Pensei que você provavelmente precisasse deles para iniciar a mediação.

Agarrando os papéis de Tom, seus dedos escovando fizeram com que um zing passasse por ela e dentro de seu núcleo. — Hum, obrigada —, foi sua resposta ofegante. Limpando a garganta, ela apertou os papéis no peito. — Como você me achou?

— Beth me disse —, disse ele com um sorriso torto.

— Ela fez, não é? — Sage murmurou, não satisfeita com a necessidade constante de sua secretária de se intrometer nos seus negócios. Sage teria que conversar com ela quando voltasse ao escritório.

Franzindo a testa, Tom colocou as mãos nos bolsos. — Não fique brava com ela. Como eu disse antes, posso ser muito persuasivo quando quero. — Ele se inclinou um pouco para a frente até estar na bolha pessoal dela. — E eu realmente queria ser.

Sage deu um passo para trás para que ela pudesse respirar, mas Tom tomou isso como um convite para entrar e passou seu redor antes que ela pudesse detê-lo. Girando sobre os calcanhares, ela estendeu a mão para detê-lo, mas a deixou cair, a visão de Tom em pé em seu apartamento era demais para ela aguentar. Cercado por todas as coisas mais amadas dela, ele não parecia deslocado. Ele parecia tão certo.

Para piorar ainda mais, Serendipity havia saído para ver do que se tratava e começou a esfregar a perna de Tom. Ele não pareceu se importar e se inclinou para buscá-la. Ele a coçou sob o queixo, fazendo a gata ronronar de prazer.

Ele parecia bem em sua casa, gostava de gatos e estava quente como o inferno. Ela estava tão ferrada.

Capítulo 9

Tom

DEPOIS QUE PHILLIP saiu, Tom tomou banho na esperança de lavar os pensamentos de uma beleza sombria que não deixaria sua mente. Mesmo agora a magia dele chamava a dela. Queria estar perto dela quase tanto quanto ele queria sua filha de volta.

A água correu por sua cabeça e pelas costas, fresca contra a pele quente. Só de pensar em Sage Spindle acendeu um fogo nele. Um fogo que o levou a envolver a mão em seu pênis endurecido. Ele acariciou seu corpo, e uma forte sacudida de prazer arrancou um suspiro dele.

A visão em seus olhos tinha a advogada de lábios cheios, de joelhos, a boca envolvida em torno dele. Seus olhos de obsidiana olhando para ele sob cílios cheios, a centelha de desejo misturada com desafio disparou através dele, seu orgasmo atingindo-o em um instante.

Sem toalha, Tom olhou para os papéis em sua cama. Ele poderia fazer a coisa segura e deixá-los no escritório. Foi a coisa inteligente. Enquanto ele a queria, ele sabia que se algo desse errado entre eles, ele poderia perder qualquer chance de ter Evie de volta.

Não, a coisa inteligente a fazer seria manter distância. Seja civilizado e prestativo, mas nada mais.

De pé no apartamento de Sage, sua mente o amaldiçoou por sua falta de controle, mas sua magia vibrou em suas veias. O cheiro dela estava ao seu redor. Em cada centímetro do apartamento dela. Enrolou em torno dele como um cobertor e encontrou seu caminho dentro dele, onde o deixou duro e carente. Às vezes, ele era realmente muito estúpido.

— Eu gosto do seu lugar —, disse ele conversando, olhando ao redor da sala, a gata branca gorda enrolada em seus braços. Ele sempre foi um amante dos animais. Um de seus bons amigos, que também era amante da moderadora, era meio gato. Ele foi quem a fez ciente da situação de Tom. Deve ser por isso que a gata branca gorda o procurou e por que ela ronronava em seus braços agora.

— Obrigado. — A voz de Sage cortou seus pensamentos quando ela fechou a porta e voltou para ele com os braços cruzados sobre o peito, os papéis ainda agarrados ao peito. Levou tudo nele para não puxá-la em seus braços.

Ela parecia adorável; tão diferente da advogada equilibrada e sofisticada

de antes. Com os cabelos presos na cabeça, os pés descalços e vestindo as calças mais atrozes, ela não ganharia nenhum concurso de beleza, mas Tom nunca se sentira mais atraído por ela.

Eles ficaram ali sem jeito, a tensão na sala aumentando. A gata em seus braços não se importava com a pressão ao redor deles e imediatamente pulou de seu aperto, partindo para Deus sabe onde. Com o felino desaparecido, restaram apenas os dois. A espessura do ar se intensificou.

Sage quebrou a tensão primeiro, virando-se para uma pequena mesa para guardar os papéis. Mãos agora livres, ela manteve as costas para ele. Tom podia provar sua necessidade e seu nervosismo no ar. Isso o fez ousado. Ele deu os poucos passos necessários para diminuir a distância entre eles.

De pé logo atrás dela, sem se tocarem, mas perto o suficiente para sentir o calor de sua pele, e a presença de sua energia que voltou à vida diante dele. Interessante. Tom pensou que ela era uma mera humana, mas quanto mais ele ficava ao lado dela, mais ele se perguntava como ele poderia ter pensado nisso.

Sua pele tinha um brilho que a maioria dos humanos consideraria um bom cuidado com a pele, mas para Tom, era um sinal claro de sangue falso. Havia algo nela, algo em sua magia que lhe era familiar. Como se eles se conhecessem antes.

Balançando a cabeça do pensamento, Tom estendeu a mão para tocá-la, mas foi parado por uma batida na porta. Ele virou a cabeça na direção do som e, ao mesmo tempo, Sage se virou correndo em direção ao seu peito.

Por instinto, suas mãos a agarraram. Era como se alguém tivesse acendido um fósforo dentro dele, com a cabeça baixa e os lábios roçando os dela. Um suspiro caiu de seus lábios e suas mãos agarraram o tecido da camisa dele. O beijo pareceu durar para sempre, mas terminou em menos de um minuto. As batidas se transformaram em batidas na porta, puxando a atenção um do outro.

— Deve ser o chinês, eu imagino — murmurou Sage antes de empurrar Tom e abrir a porta. Ela pagou o homem e pegou as sacolas dele, fechando a porta atrás dela.

Soltando um suspiro frustrado, Tom esfregou a parte de trás do pescoço. — Acho melhor deixar você comer. Eu vou te ver... bem, quando Beth me disser quando. — Ele colocou a mão na maçaneta da porta, pronto para forçar-se a deixá-la e o doce esquecimento que estava na presença dela lhe ofereceu.

— Espera.

Quando ela o chamou, ele não sabia se estava aliviado ou chateado, mas não se atreveu a se virar. — Sim?

— Parece que eu pedi mais do que eu poderia comer. Você poderia ficar e me ajudar a comer? — Papéis crepitantes soaram atrás de Tom e ele finalmente se virou para encontrar o olhar dela. Sua expressão hesitante e insegura. Eles detinham uma vulnerabilidade que Tom nunca tinha visto no rosto de nenhuma mulher antes.

Olhando para os pacotes de comida que ela estava desempacotando, Tom enfiou as mãos nos bolsos e foi em direção a ela. — Suponho que poderia ficar.

Sage entrou em sua cozinha e voltou com pratos e talheres. Ela pegou o copo meio cheio e perguntou: — Gostaria de um pouco de vinho?

— Claro, mas eu tenho que dizer o que vocês humanos chamam de vinho é pouco mais do que a água de onde eu venho. — Ele sorriu quando aceitou o copo dela, seus dedos roçando um pouco.

— De onde você vem? — A cabeça dela inclinou para o lado em interesse. — Você quer dizer o Reino Fae?

Assentindo com a cabeça, Tom tomou um gole do copo e forçou a careta a provar. — Sim, na Corte Seelie, bebemos vinho dos faes. Atado a propriedades mágicas, é muito forte para os seres humanos beberem sem se intoxicar com apenas um gole.

O bufar que ela emitiu foi agradável e antes que ele soubesse o que estava fazendo, ele se abaixou e tomou os lábios dela nos dele, cortando-a no meio da risada. Afastando-se, Tom acariciou o polegar ao longo da linha de sua mandíbula. Ele absorveu a rápida ascensão e queda de seu peito, o desejo em seus olhos, o crepitar de magia ao longo de sua pele.

— Você é fae, não é? — ele perguntou, embora soubesse a resposta que queria ouvir dos lábios dela.

A pergunta teve o efeito oposto que Tom esperava. Os olhos de Sage endureceram e o desejo em seus olhos quase se extinguiu. Se afastando dele, ela se virou para a comida, empilhando o prato alto antes de se sentar no sofá, de costas para ele.

— Sage? — Ele rodeou o sofá e se ajoelhou diante dela.

Ela esfaqueou a refeição, sem encontrar o olhar dele. — Eu não quero falar sobre isso.

Tom agarrou a mão dela na dele, parando seu ataque cruel com a comida dela. Os olhos dela não se ergueram do prato, mas a mandíbula se apertou e a energia saindo dela se fortaleceu. Ele enviou sua magia para acariciar a dela, na tentativa de acalmar sua raiva.

No momento em que a magia dele tocou a dela, seus olhos saltaram do

prato e encontraram o olhar dele. Com os olhos semicerrados, ela não afastou a mão, mas empurrou contra ele com sua magia. Se ela sabia que estava fazendo isso ou não, ele não fazia ideia, mas era um passo na direção certa.

Os Fae que não sabem como controlar seu poder podem ser mais perigosos que os Fae mais poderosos vivos. Eles podem machucar aqueles que os rodeiam, aqueles que amam, apenas ficando muito emocionais. A magia poderia atacar sem saber que o usuário realmente não pretendia ferir as pessoas. Mais mortes vieram de usuários não treinados do que de fae desonestos. Tom não estava disposto a deixar Sage se tornar uma vítima de si mesma.

— Você não sabia que tinha magia, sabia? — A mão dele acariciou a dela no mesmo ritmo que a magia dele deslizou pela dela. Sage não respondeu, apenas o observou, cautela e admiração em seus olhos. — Você sabe que é fae, não é? Ou pelo menos em parte.

Sua boca se abriu e ela disse baixinho, amargura e ódio em sua voz: — Meu pai é fae.

Capítulo 10

Sage

O SENTIMENTO da magia de Tom tocá-la foi uma experiência nova e estranha. No começo, ela não tinha certeza do que era. Ela nunca se sentiu mágica antes, não dirigida a ela de qualquer maneira.

Quando sua própria magia acolheu a dele, surpreendeu mais do que apenas o fae na frente dela. Rolou sobre sua pele como um urso recém-despertado saindo da hibernação. Ela não pôde deixar de sorrir.

Seu pai a dispensou, porque ela parecia mais humana que fae. O que ele pensaria quando descobrisse que estava errado? Sage não tinha certeza se ela se importava.

A chegada de Tom foi uma surpresa e, mais ainda, a reação que a magia dela teve à dele. Mesmo agora, sua energia alcançou a dele, hesitante e curiosa. Provando e sentindo sua energia, agarrou-a profundamente, puxando um suspiro dela.

Retirando a mão da dele, ela sacudiu a nuvem de luxúria que a encheu de seu toque. Ela precisava de uma mente clara se pretendia ter essa discussão.

— Meu pai é fae —, ela se ouviu dizer novamente. Ela bebeu profundamente do copo de vinho, não confiando em si mesma para manter a calma o suficiente para contar a história a Tom. — Você estava de volta ao hotel. Eu não gosto muito da sua espécie. Não é nenhum segredo. Eu nunca tentei esconder isso. Inferno, meu trabalho me permite enviar tantos de vocês de volta para onde pertencem. Não me importei se você era inocente ou não. — Ela deu um pequeno sorriso amargo. — Sou apenas uma criança boba tentando tirar todo o ressentimento por seu próprio pai do resto da sua espécie. Não importa se eles realmente mereceram ou não.

A mão dele estendeu para tocar a dela novamente, mas ela se afastou com um aceno de cabeça. — Não. Não consigo pensar quando você está me tocando.

O sorriso no rosto dele era tão presunçoso que ela desejou estar no controle de sua magia o suficiente para derrubá-lo. Em vez disso, ela se contentou com um olhar simples.

— Não fique convencido. Isso não significa que você é irresistível ou algo assim. — Ela bufou. — Sou nova na magia, não estúpida. Fae procura fae. Minha magia não encontrou outros fae antes, então não se considere especial.

A magia dela.

As palavras eram tão estranhas que fizeram sua pele arrepiar. Ela poderia admitir que tinha mais do pai dentro dela do que ela gostava, mas isso não significava que ela tinha que gostar.

— Por que seu pai não ensinou você a usá-la? A maioria das crianças fae, mesmo que meio-fae, mostra sinais de seus poderes aos doze ou treze anos. Ele deveria ter procurado você até lá. — Tom ignorou sua tentativa de menosprezar sua atração por ele.

— Ele veio atrás de mim e saiu assim que eu provei que não tinha utilidade para ele. — Sage deu uma risada curta. — Eu acho que eu estava tão decidida a não ser nada como ele, minha magia permaneceu adormecida o tempo todo. Eu sempre fui teimosa.

Tom estendeu a mão e depois parou a mão pairando no ar sobre a dela. Sage o observou, não o parando, mas também não o encorajando. Ela podia culpar sua atração por ele em seus genes fae tudo o que ela gostava, mas estava lá e não iria desaparecer tão cedo.

Quando a mão dele tocou a dela, o zumbido mágico dentro dela reagiu à dele em um instante. Foi intenso o suficiente para arrancar um som chorão dela. Sage cerrou os dentes contra a necessidade de se jogar nele. Apenas ficar em seu assento exigiu mais esforço do que ela podia suportar.

— Sem pai ou não, você precisa de alguém para te ajudar a controlar sua magia antes que ela comece a controlá-la. — Sua magia balançou na dela, dando-lhe um beliscão forte antes que um sorriso travesso cobrisse seu belo rosto. — Eu proponho um acordo.

Arrancando a mão dele, Sage se levantou do sofá e rosnou: — É sempre uma questão de lidar com a sua espécie. Bem, não serei enganada. Você pode pegar o seu acordo e enfiá-lo na sua bunda. — Ela se afastou dele, abrindo a porta. — E você pode encontrar outra advogada enquanto está nisso. Eu desisto.

Calmamente de pé no sofá, Tom passou a mão na calça jeans, não parecendo ser afetado nem um pouco. — Eu não estou tentando enganar você. Estou tentando ajudá-la. Como você promete me ajudar. Agora só estou devolvendo o favor.

Cruzando os braços sobre o peito, ela rosnou: — Como você pode me ajudar? Não preciso de nada roubado, nem pediria que você roubasse por mim. Então me diga, Tom Rumble, o que você pode fazer por mim que eu não posso fazer sozinha?

Os olhos de Tom escureceram, ele marchou pelo quarto, agarrando a porta

que ela estava segurando em suas mãos. Seu rosto curvou-se até os narizes roçarem e as coxas de Sage se apertarem em uma súbita onda de necessidade.

— Não estou falando de roubo ou bens. O que tenho a oferecer a você não pode ser dado por ninguém além de outro fae. — A respiração dele choveu nela, quente e perfumada com vinho. — Eu posso lhe dar controle e caos. Você não pode ter um sem o outro, por mais que tente.

— Há outros faes que poderiam me ensinar. Não precisa ser você. — Ela sussurrou, sua voz baixa com luxúria.

As mãos de Tom envolveram sua cintura, puxando seus quadris contra ele. A sensação de seu pênis endurecido contra seu estômago a fez prender a respiração na garganta.

— Sim, existem outros faes —, Tom concordou, as mãos tocando ao lado dela. — Mas nenhum deles pode fazer você se sentir do jeito que eu faço você se sentir. Não importa o quanto você queira culpar a magia. — Ele beliscou sua boca até que ela estava se arqueando para encontrá-lo, incapaz de se conter. — Você me quer como mulher, não como fae.

Sage não tinha mais coragem de resistir. Ele estava certo, ela o queria e fingir que não era inútil. Além disso, o que ela tinha a ganhar ao negar o que queria?

— Sim —, ela ofegou contra a boca dele, seus olhos entreabertos. — Você fez um argumento muito bom. Mas, visto que sou sua advogada... — Ela se afastou dele até que eles não estavam mais em pé um contra o outro. — Acho melhor mantermos nosso relacionamento profissional, em todos os aspectos. Você pode me ensinar como controlar minha magia depois que recuperarmos sua filha.

Uma carranca enrugou sua testa quando seu rosto se encheu de decepção e frustração, fazendo-a aquecer por dentro. Não era todo dia que um homem tão bonito quanto Tom Rumples estava chateado por não poder dormir com ela. O pensamento a fez querer provocá-lo o máximo que podia antes de finalmente ceder. Ela não tinha dúvida de que acabaria cedendo. Só não enquanto eles tinham trabalho a fazer.

— Eu pensei que você desistiu? — As mãos de Tom tentaram puxá-la para mais perto dele mais uma vez, com um brilho determinado nos olhos.

Normalmente, Sage admirava sua persistência, mas não quando havia trabalho envolvido. Não se podia dizer que dormira com o cliente, principalmente se esse era um fae. Ela tinha integridade, afinal.

— Eu reconsiderarei. — Ela entrelaçou os dedos com os dele, removendo-os

gentilmente do lado dela. — Não posso deixar Evie sofrer apenas porque não concordamos. Ela deveria ser nossa principal prioridade agora, não deveria? — ela olhou para ele, sua menção à filha dele parecendo limpar qualquer luxúria persistente em seus olhos.

— Certo, Evie. — Limpando a garganta, Tom tirou as mãos das dela e as colocou nos bolsos. Foi um gesto que ela o viu fazer com bastante frequência e se perguntou se era sua maneira de manter as mãos para si ou se era apenas um hábito nervoso. O que ele tinha que estar nervoso sobre ela não sabia.

— Se é tudo a mesma coisa para você, acho que vou andando. — Ele olhou de volta para o prato de comida que ele nem havia tocado e depois de volta para ela. — Uh, obrigado pela comida. Tenho certeza que é delicioso.

— Oh, é sim. Posso te assegurar. — Sage sorriu timidamente para ele, a conversa deles chegando ao estágio um pouco estranho, — Vejo você na próxima reunião?

— Sim, quero dizer sim. Estou ansioso por isso — ele disse rapidamente, passando por ela e saindo pela porta.

Quando Sage fechou a porta atrás dele, ela não conseguiu esconder o sorriso do rosto. Se alguém lhe perguntasse há alguns dias se ela ficaria feliz depois de descobrir que tinha magia, ela teria mordido a cabeça deles. Agora, com a perspectiva de passar mais tempo com um homem delicioso que queria não apenas estar com ela, mas também estava determinado a ajudá-la, ela não podia deixar de estar feliz. Ela esperava que durasse.

Capítulo 11

Tom

AS PRÓXIMAS VEZES que Tom se encontrou com Sage foi no escritório dela. Ambos haviam decidido que era mais seguro se estivessem em um local público. Melhor evitar a tentação, como disse Sage.

Enquanto Tom concordava com ela, isso não diminuía a intensidade de seu desejo por ela. O fato de que ele sabia que poderia tê-la, mas tinha que esperar, foi uma tortura lenta que o estava deixando louco. Ele nunca havia tomado tanto banho frio em sua vida.

Mais irritante, Sage não parecia ser afetada. Ela manteve os olhos no trabalho e nunca lhe deu um segundo olhar. Tom se sentiu muito comum, e ele não gostou nem um pouco.

— Agora, você deve me deixar fazer a maior parte da conversa. Não queremos dizer a coisa errada e acabar do lado de merda da vara. — instruiu Sage enquanto esperavam o encontro com Monica e seu advogado.

Demorou algumas semanas para organizá-lo, mas Monica parecia estar disposta a colaborar com ele. Ela estava sendo extraordinariamente razoável, o que era diferente dela. Ela ainda se recusara a deixá-lo ver Evie, ou até conversar com ela, até depois da reunião. Se era uma tortura esperar para estar com Sage, era doloroso esperar tanto tempo para ver sua filha.

Mal podia esperar para ter sua filhinha de volta nos braços. Ele estava começando a esquecer como ela cheirava, como era sua risada. Monica não permitiu que ele tivesse tempo suficiente para ter sua pequena Evie novamente.

— Compreendo. — Ele assentiu, com a intenção de deixá-la assumir a liderança. Ele não era um tolo, sabia que, como sobrenatural, ele já estava trabalhando com uma deficiência. Se ele desse a eles uma única coisa que eles poderiam usar contra ele, ele nunca veria sua filha, e isso não se encaixava bem com ele. Ele pode não ser um homem mau, mas não estava acima de sequestrar sua própria filha.

As portas da sala se abriram e eles foram conduzidos para dentro de uma mesa comprida cercada por seis cadeiras. No meio da mesa havia uma jarra de água com um copo para cada pessoa. De um lado da mesa estava um estranho, mais velho, com sessenta anos, com a cabeça careca e os lábios finos. Seus olhos eram fendas estreitas e ele olhou para Tom enquanto entrava na sala. O desprezo

em seu rosto confirmou que ele sabia o que era Tom e não estava feliz com isso.

Sentada ao lado do homem estava Monica. Seus cabelos castanhos encaracolados pendiam dos ombros, perfeitamente amarrados com o produto para produzir a quantidade perfeita de cachos sem um pingo de frizz. Ela se recusara a se mudar para o sul por causa da umidade quase constante. Ela estava preocupada por nunca ser capaz de manter o cabelo domado, se o fizesse. O que não era nenhuma surpresa por que ela nem ouvia falar em encontrá-lo na Flórida e insistia que a reunião acontecesse em New Hampshire. Era uma coisa pequena o suficiente que Tom não havia discutido.

Seus olhos escuros brilharam enquanto ele entrava na sala, o que sempre acontecia, mas desta vez a emoção de vê-lo foi ofuscada pelo cheiro de vergonha no ar. Ela não estava completamente feliz com esta situação. Tom arquivou essa informação no fundo de sua mente para mais tarde.

Depois de ver Monica e o advogado dela, Tom ficou feliz por ter optado por usar um terno, em vez do jeans e camiseta de sempre. Monica disselhe, em mais de uma ocasião, que ele ficava bem de fato. Ele optou por não usar gravata, deixando os dois primeiros botões abertos, como ela sempre gostou. Tom esperava brincar com a atração anterior por ele para tornar essa reunião o mais fácil possível. Pela maneira como seus olhos se demoraram em sua forma, e com que rapidez seu perfume cravou em desejo, estava funcionando.

Enquanto Tom parecia um milhão de dólares em seu terno, nada se comparava à aparência de Sage. Em um terno verde-escuro, ela exalava beleza e poder. Duas coisas que a teriam servido bem na Corte Seelie. Tom se perguntou quem era o pai dela.

— Obrigado por se encontrar conosco, tão rapidamente —, começou Sage, colocando as coisas na mesa e sentando-se.

Tom seguiu o exemplo, sentando-se do lado esquerdo em frente a Monica. Ele entrelaçou os dedos e os apoiou na frente dele sobre a mesa, seus olhos nunca deixando os dela. Se ela desse algum sinal de fraqueza, ele atacaria como o monstro que ela proclamava ser.

— Bem, você realmente não deu a minha cliente uma escolha no assunto —, disse o homem ao lado de Monica, sua voz rouca e dolorosa para os ouvidos. — Sua reivindicação disse que a Srta. Straw teve que marcar uma reunião rápida para discutir a situação atual ou enfrentar uma ação pelo que você a chamou? — O homem olhou para os papéis à sua frente, usando o dedo para digitalizar enquanto lia — seqüestro, roubo e calúnia. Agora me diga, senhora Spindle...

— Senhorita —, Sage saltou para corrigi-lo.

— Senhorita Spindle, então —, retrucou o homem de olhos arregalados. — Como minha cliente fez alguma dessas coisas? Evie é sua filha, ela pode levá-la para onde quiser. A conta bancária da qual ela retirara o conteúdo também tinha o nome dela. E a calúnia? Bem... — ele riu, dando a Tom um olhar sombrio, — você não pode realmente dizer as verdades da calúnia da natureza, agora pode?

Tom olhou para trás. Como diabos ela aguentou esse cara? Ele nem estava tentando esconder seu preconceito contra a espécie de Tom. Não havia algum tipo de lei contra isso?

Para sua sorte, Sage sabia o que estava fazendo e respondeu prontamente: — Você está sugerindo que as alegações de sua cliente de serem falsificadas nos últimos sete anos são verdadeiras? Por nascimento e tudo mais? — Ela balançou a cabeça e franziu a testa. — Sinto muito, mas isso é um pouco absurdo, mesmo para a magia fae e você não encontrará um juiz ou júri no mundo que discordará de mim.

— Desculpe, senhorita Spindle, não é? — Monica pulou, fazendo com que seu advogado fizesse uma careta para ela. — Você tem filhos?

— Não, eu não.

— Então você não sabe como é suportar algo pelo seu filho. — Os olhos de Monica dispararam para Tom, o olhar de nojo em seus olhos algo que ela nunca tinha dirigido para ele antes. — Eu estava sob o feitiço de Tom até Evie nascer, naquele momento tomei a decisão de ficar com ele apesar de ter sido estuprada de corpo, mente e alma pelo bem de nossa filha. Fui ensinada que ter os dois pais é a coisa mais importante na vida de uma criança e não queria isso para ela.

— Mas você está bem com isso agora? — Sage rebateu.

— Não, quero dizer, sim — , Monica gaguejou e corou. — Percebi que, embora ter dois pais fosse importante, era *mais* importante para minha filha crescer em um ambiente saudável e seguro e, dada a natureza fae de Tom, eu não poderia ficar com ele nem mais um momento.

Raiva encheu Tom. A natureza dele? Sua natureza *fae*? Foi a natureza dele que a atraiu primeiro. Era sua natureza que a fazia voltar sempre mais. Sua natureza que colocou o pão sobre a mesa e forneceu o dinheiro para suas roupas caras. Ela dizendo que era a natureza dele que a fazia temer pela vida de sua filha, não era apenas risível, mas absurdo.

Uma mão quente tocou a dele e os olhos de Tom se voltaram para os de Sage. Ela deu um tapinha na mão dele, enviando uma leve onda de energia mágica nele. Foi o suficiente para fazê-lo se acalmar e deixar Sage cuidar das

coisas.

— Diga-me, Srta. Straw, quantos fae você conhece? — Sage estava com a caneta na mão pronta enquanto fazia as perguntas.

— Apenas Tom —, disse Monica, franzindo as sobrancelhas em confusão antes de acrescentar, — e as histórias que ouvi nas notícias de outras mulheres que foram atacadas por homens fae.

Sage sorriu então. — Então sua única fonte de informação sobre a natureza fae é do que você assistiu na televisão? Estou correta em avaliar isso?

— Acredito no que minha cliente está dizendo —, interrompeu o advogado de Monica, — é que seu tempo com o Sr. Rumples forneceu a ela todas as informações que ela precisava para concluir sua natureza.

— E que natureza é essa?

— Bem, o tipo violento, é claro —, Monica gaguejou, encarando Sage como se ela fosse uma pessoa louca para fazer a pergunta.

— Então, o Sr. Rumples foi violento? De que maneira? — Sage inclinou a cabeça para o lado, olhando para Monica como se ela fosse uma criança apanhada em uma mentira.

— O tipo violento —, sua ex gritou em resposta, começando a soar como um disco quebrado.

— Straw, existe muitas maneiras de ser violento. Emocionalmente, fisicamente, verbalmente. Eu simplesmente gostaria de saber como ele mostrou sua natureza para você? Ele bateu em você, abusou verbalmente de você?

— Sim, sim —, Monica respondeu rapidamente, com os olhos frenéticos.

— Sim, para quê? O espancamento ou o abuso verbal?

— Ambos —, ela gritou, seu cheiro subindo tão forte que fez o nariz de Tom coçar.

Ela estava mentindo muito e ele sabia disso. Não apenas por causa do cheiro de culpa dela, mas porque ele nunca fez nada disso. Monica nem deixou que ele a espancasse durante o sexo. O pensamento dele levantando uma mão para ela fora do quarto? Impossível.

Capítulo 12

Sage

SAGE NÃO TINHA o olfato de Tom, mas ela não precisava dele para saber que a mulher na frente dela estava mentindo. Os olhos dela eram esquisitos. Seu rosto estava pálido e ela estava começando a suar ao longo da testa. Não, Monica Straw não respondeu aos buracos em sua história.

No momento em que entraram na sala, ela sabia que a mulher era um problema. Seus olhos pousaram em Sage e o sorriso de escárnio dizia que ela não gostava que Sage estivesse tão perto de seu ex. O maior erro que Monica cometeu não foi esclarecer sua história, nem todos os seus fatos antes de ela chegar à reunião. Sage pretendia explorar essas fraquezas em toda sua extensão.

— Então, eu entendo que você esteve em um relacionamento abusivo nos últimos sete anos, dos quais cinco foram escritos, e então ficou com o Sr. Rumple porque queria que sua filha tivesse dois pais?

— Sim? — Monica disse, como se ela própria não tivesse certeza de sua resposta.

Sage pousou a caneta e gesticulou na frente dela. — Se tudo isso estava acontecendo, por que você não foi à polícia?

— Eu estava assustada... medo de que ele me machucasse... machucar Evie. — Seus olhos se encheram de lágrimas que, se Sage não tivesse sido uma boa mentirosa, a teria feito pensar que a mulher realmente temia pela segurança dela e de sua filha. Como seu medidor de besteira estava soando, ela simplesmente balançou a cabeça.

— Sua história, apesar de convincente para um público menor, não me convence. Qualquer humano sabe que, no momento em que você menciona um sobrenatural ou um fae suspeito de usar magia contra nós, eles seriam trancados mais rápido do que você poderia dizer *Prada*. O Moderador estaria por toda a parte do Sr. Rumple, bem como o Conselho de Criaturas Sobrenaturais. Mas, como não foi esse o caso, sua história não se resume e você não tem motivos para manter a filha do Sr. Rumple longe dele.—

— Mas, mas... ele usou magia em mim! — Monica se levantou vigorosamente da cadeira, fazendo com que ela voltasse para a parede atrás dela, ela apontou para Tom.

— Mas o problema com suas reivindicações é que você esperou demais

para bancar a vítima e, a menos que deseje levar o caso ao tribunal, onde você só pode esperar que um juiz não veja sua história frágil, você concorda em custódia com o Sr. Rumble.

— E o dinheiro? — Perguntou o advogado dela. Ele parecia pronto para explodir com a explosão de Monica. Ela obviamente não estava mantendo a história que eles haviam reunido. O que funcionou bem a favor de Sage.

— Sr. Rumble não desejou ter seu dinheiro de volta, ele só quer a garota. — Seus olhos se encontraram com os de Tom para confirmação. Ele acenou com a cabeça. — É isso, guarda conjunta e isso não precisa ser levado ao tribunal.

Sage observou as emoções atravessarem o rosto de Monica Straw. Descrença, que Sage só podia adivinhar que era porque Monica não tinha conseguido conquistar Sage. Então ela pareceu se afastar disso e apenas a raiva permaneceu. Essa emoção foi o que disse a Sage que eles estavam em um longo caminho.

— Então, eu vou te ver no tribunal. — Ela pegou sua bolsa e enfiou o nariz no ar antes de sair da sala, seu advogado perto de seu rabo.

Reunindo as coisas dela, Sage fez um gesto para Tom ficar de pé também. Saíram da sala onde pararam na frente de Monica, que agora estava com outro homem e uma menininha com menos de dois anos de idade. Pela foto que Tom mostrara a primeira vez que se conheceram, era Evie.

No momento em que a menina viu o pai, ela afastou a mão do aperto do outro homem e disparou em direção a eles. Braços bem abertos, seus cabelos encaracolados saltaram quando ela correu para os braços de Tom com um estridente: — Papai!

Tom a abraçou, puxando-a para ele enquanto se levantava. O olhar de pura felicidade em seu rosto causou mágoa em Sage. O que havia nos homens e nos bebês que eram tão atraentes? Balançando a cabeça, ela não pôde deixar de sorrir com a visão que eles fizeram.

— Olá, abóbora. Senti sua falta. — Ele esfregou o nariz no dela, fazendo-a rir, os braços curtos envolvendo a cabeça dele, puxando-o com força contra o rosto dela.

— Sinto sua falta. — Evie murmurou contra o rosto apenas alto o suficiente para Sage ouvir.

Os dois estavam tão completamente focados no outro que Sage se sentiu um pouco como uma estranha. Ela se virou para lhes dar um pouco de privacidade, apenas para ver que Monica e o homem misterioso se afastaram um pouco e estavam falando em voz baixa e apressada. De onde ela estava, parecia

que eles estavam discutindo, mas sobre o que Sage não sabia dizer.

Eles devem ter sentido o olhar dela, porque quase no exato momento em que olharam na direção dela, imediatamente pararam de falar. Com os olhos estreitados, Monica marchou de volta para Sage e Tom, com a bolsa balançando ao lado.

— Vamos, Evie. Temos que ir. — Ela estendeu os braços para a garota, que gritou e apertou o pai com mais força.

— Não! — Ela gritou, escondendo o rosto no pescoço de Tom. A visão disso machucou o interior de Sage. A garota claramente não queria deixar o pai e, embora Sage não tivesse um bom relacionamento com o próprio pai, ela poderia imaginar que seria o mesmo se ela tivesse sido tirada da mãe.

— Evie —, Monica rosnou, tentando afastar a garota do pai, que não estava fazendo nada para ajudar na remoção da criança. — Temos que ir. Vovó está esperando por nós.

— Não, vovó! Papai, fica. Papai, fica. — Trilhas de lágrimas escorreram por suas bochechas gordinhas, seu rosto ficando vermelho com sua indignação. Tom esfregou as costas da garota e murmurou algo para ela, e isso pareceu acalmá-la.

Ele a segurou em um abraço apertado, colocando um beijo no topo da cabeça dela. Sage pensou que o ouviu dizer “eu te amo”, mas estava muito quieto para ela ter certeza. A criança cheirou em seus braços e depois deixou que ele a entregasse à mãe.

Monica puxou a garota em seus braços, dando a Tom um olhar que poderia ter sido grato, mas foi rapidamente substituído por aborrecimento. Enquanto se afastava deles, a menina observou Tom por cima do ombro de sua mãe, a miséria em seus olhos trazendo lágrimas aos olhos de Sage.

Uma mão quente deslizou na dela e apertou-a com força. O olhar de Sage passou do grupo que partiu para o rosto tenso. Enquanto ela tinha certeza de que ele estava feliz por ter sua filha nos braços, ela também tinha certeza de que tinha sido pura agonia deixá-la ir, e pior ter que vê-la chorar para ficar com ele.

— Não se preocupe, Tom. — Sage apertou a mão de volta, enviando pensamentos suaves em seu caminho. — Nós a pegaremos de volta. Eu prometo.

— Eu sei que sim —, murmurou Tom, embora sua mente parecesse quilômetros de distância. Ele soltou a mão dela e começou a descer na direção em que Monica havia ido. Ela não precisava ter poderes mágicos para saber que Tom estava deprimido, no entanto, o toque de sua energia contra ela exalava tanto.

Sage tentou não deixar isso incomodá-la, no entanto. Ela estava muito ocupada tentando criar a estratégia deles. Ela fez um plano de backup em cima do plano de backup, caso as coisas no tribunal não seguissem o seu caminho. Se tudo desse certo, ela passaria mais tempo com Tom, e isso significava mais tempo com Evie. Ela não podia deixar aquela garotinha ficar presa no meio do jogo de sua mãe, seja lá o que ela estivesse brincando.

A troca entre Tom e Evie foi tão dolorosa que Sage nunca mais queria testemunhar, e ela não pretendia. Ela tinha alguns telefonemas para fazer e um caso para vencer. Ela só esperava que fosse boa o suficiente para fazer todos os seus planos se concretizarem.

Capítulo 13

Tom

TOALHA ENROLADA na cintura, Tom sentou-se na beira da cama, a cabeça baixa e um copo de uísque meio bebido na mão. Os eventos do dia foram mais difíceis para ele do que esperava.

Mais do que tudo, ele queria ver sua filha, mas agora, tendo feito isso e depois perdendo-a novamente no espaço de alguns momentos, ele quase desejou nunca ter conseguido vê-la. A pura agonia de ter que entregá-la à mãe e ver como ela chorava para ficar com ele, era mais do que ele podia suportar.

Ele só foi capaz de acalmá-la com a promessa de que eles se veriam novamente em breve, pedindo-lhe para ir com Monica por enquanto, e ele voltaria para ela. Ela aceitou as palavras dele com uma fungada relutante que apertou o coração de Tom.

Terminando a bebida com um gole, Tom se levantou da cama. Uma determinação feroz o encheu quando ele se olhou no espelho do hotel. Ele garantiria que a promessa se cumprisse, mesmo que ele tivesse que trazer toda a Corte Seelie para o assunto.

Deixar a filha foi difícil, mas ele não conseguiria passar por isso sem Sage ao seu lado. Ela tinha sido a pedra dele durante todo o caminho, e mesmo no final, quando ele teve que devolver Evie, sua magia acalmou sua necessidade de apenas levá-la. Ele não conseguia imaginar o que teria acontecido se ela tivesse acabado de ser uma advogada humana comum, em vez de fazer parte dela. O fato de ele a ter encontrado em primeiro lugar era um milagre.

Com uma risada curta, Tom balançou a cabeça. Ele era um fae bagunçado. Embora ele devesse se concentrar apenas em recuperar sua filha, seu coração e magia o empurravam de volta para Sage. Ela havia dito que poderia levar semanas ou até meses para obter um julgamento sob custódia. Até então, como Monica alegava que ele era abusivo, ela teria a guarda exclusiva de Evie.

O próprio pensamento de ele ser abusivo o surpreendeu. Como isso havia surgido era um mistério para ele, um que ele não tinha certeza de se importar com a resposta. Ele só queria que sua filha voltasse e tudo acabasse. O julgamento não poderia terminar rápido o suficiente para ele de várias maneiras.

Pensar no julgamento o deixou deprimido novamente, e ele não se permitiu afundar. Ele foi até a cama e estava prestes a abri-la quando uma

batida soou em sua porta. Quem poderia ser? Ele não havia pedido serviço de quarto. Ele não conhecia ninguém aqui em New Hampshire. Apenas algumas pessoas sabiam onde ficava o quarto de hotel e, dentre as poucas, apenas uma ousaria ir ao seu quarto tão tarde da noite.

De repente, o pensamento de que poderia ser Sage animou seu humor. Afastando-se da cômoda, ele sorriu para si mesmo enquanto caminhava até a porta. Seria bom vê-lo seminu, agitar aquelas penas tão finamente controladas dela. Ele poderia até conseguir que ela dobrasse sua pequena regra sobre eles se reunirem antes que o julgamento terminasse.

Antecipando-o, ele abriu a porta. Em menos de um segundo, qualquer desejo que ele tinha foi destruído. De pé do outro lado da porta não estava sua atrevida advogada, mas Monica.

Usando um vestido vermelho apertado que mergulhava na frente, dando a Tom uma olhada nos seios, ela estava de salto alto, como se fosse a dona do lugar. Um sentimento doentio tomou conta de Tom, e ele apertou o nó da toalha com mais força, enquanto os olhos dela percorriam seu corpo, absorvendo-o tanto quanto ele.

— Olá, Tom —, disse ela em voz baixa e sensual. Uma voz que ele sempre achou sexy, e o teria excitado cerca de dois meses atrás. Agora isso apenas o deixou com raiva.

— O que você quer, Monica? — Tom não tentou fingir ser legal, a imagem dela indo embora com a filha deles ainda estava clara em sua mente. Ela não merecia ser legal.

— Não posso apenas querer te ver? — Os lábios de Monica se transformaram em um beicinho, seus olhos olhando para ele sob os cílios grossos de rímel. Outra característica dela que ele costumava amar tanto. Agora, isso o fez revirar os olhos e dar um suspiro impaciente.

— Não, você não pode. *Você* me deixou, lembra? *Você* nem deveria estar aqui. — Ele balançou a cabeça para os olhos suplicantes dela. — Na verdade, eu nem deveria estar falando com você agora. — Tom se moveu para fechar a porta, mas ela entrou antes que ele pudesse fechá-la.

Tom fechou a porta atrás dela e passou a mão pelos cabelos com um grunhido. — Eu falo sério, Monica. Você não pode estar aqui. — Ela se sentou na cama dele, com Tom em pé na frente dela. Ela tinha uma perna cruzada sobre a outra enquanto se apoiava nos cotovelos, seu corpo exalava sexo, mas seu cheiro doía com falsidade.

— Eu só vim aqui para conversar. Só você e eu. — Ela deu a ele um

pequeno sorriso, sabendo que Tom conhecia muito bem e não tinha planos de aceitar sua oferta óbvia. Ela tinha estragado tudo, e ele não era do tipo que perdoa ou esquece. Especialmente quando se tratava de sua filha.

— Qualquer coisa que você tem a dizer para mim, pode dizer à minha advogada ou, melhor ainda, na sala do tribunal. — Tom a agarrou pelo braço, puxando-a para fora da cama. Ela ficou de pé e caiu com um bufo.

— Você é um burro teimoso, Tom. Por que você não vê que eu cometi um erro? — Ela colocou as mãos no peito de Tom, desenhando círculos com as pontas dos dedos. — Todas essas coisas que eu disse, não as quis dizer. Eu estava exausta por causa dessa sua advogada irritante.

— Ontem você disse que eu era um monstro que estava machucando você e nossa filha. Você não pode ter as duas coisas. — Ele bufou, empurrando a mão dela para longe dele. Apenas tocá-la parecia errado.

— Não fui eu. — Ela balançou a cabeça, os cachos saltando ao redor do rosto, os olhos desesperados para ele acreditar nela.

— Sério? Então quem foi? Algum outro fae forçando você a fazer isso? A quem você vai alvejar em seguida? Sua própria filha? — A magia de Tom queimava ao redor dele, fazendo com que o ar da sala esquentasse e se espessasse.

Monica deu um passo atrás dele, seu perfume pesado de medo. Ele a observou engolir em seco, as mãos caindo para o lado, sua postura menos confiante do que antes. Ela tinha o direito de ter medo. Mesmo um não fae seria capaz de sentir o crepitar de sua magia ao seu redor, e a paciência de Tom estava em sua última perna.

— Você já me amou? — Suas palavras estavam cheias de raiva e desespero, seu mundo inteiro estava desabando sobre ele, e o motivo estava bem na sua frente.

Ele dera tudo a ela. Sua vida, seu dinheiro, uma criança! E ela jogou tudo fora por quê? Alguma vingança que ela havia inventado em sua mente, algo que ele fez anos atrás, sobre o qual ela nunca havia falado? O que estava acontecendo naquela cabeça doente dela não era algo que Tom pudesse entender.

— Claro que sim. — Ela deu um passo cauteloso para frente, a mão saindo para tocar seu rosto. Desta vez, ele não afastou, não se encolheu de nojo. Ele queria ouvir o que ela tinha a dizer, precisava ouvir. Mesmo sabendo que isso não mudaria nada. Ela estava morta para ele em tudo, menos no nome. Ela cuidara disso no momento em que tirou a filha dele.

— Então por que?

— Foi tudo Phillip —, disse ela rapidamente, sem saber que a cada palavra que dizia apenas alimentava a raiva de Tom. — Ele apareceu um dia em casa querendo voltar a ficar juntos. Eu disse que não, é claro, que estava feliz com você e, então, como uma idiota, disse que ainda poderíamos ser amigos. — Ela meio que riu, com um sorriso no rosto. — Como se pudéssemos realmente ser amigos. Eu deveria saber melhor.

Tom não disse nada, apenas ouviu a história dela, fazendo-a pensar que ele estava acreditando. Ela podia dizer que o céu estava azul e ele ainda não acreditava em uma palavra da boca dela.

— Foi ele quem me convenceu de que você não era bom para mim. Não é bom para Evie. Eu fui a tola que acreditou nele.

— Sim, você foi. — Ele assentiu, afastando-se dela para a cômoda. O pensamento de ficar nu na frente dela enquanto ela soltava mentiras no rosto dele o deixava doente.

— Foi ideia dele pegar todo o seu dinheiro —, ela gritou atrás dele, suas palavras correram como se não pudesse tirá-las rápido o suficiente. — Eu não pensei que era certo fazer isso com você e levar sua filha embora. — Tom voltou-se para ela, pois, pela primeira vez, suas palavras não foram revestidas de hipocrisia. Seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas e, por um momento, Tom quase acreditou nela, mas o cheiro de suas mentiras estava por todo o quarto.

— Mentiras, Monica. Tudo mentira. — Ele sussurrou em seu rosto, fazendo com que seus olhos e perfume se iluminassem com medo. — Para alguém que parece saber muito sobre minha natureza, você continua esquecendo uma qualidade distinta que sempre me ajudou em um aperto. Seu rosto e seu corpo podem pedir desculpas — ele deu uma risada latente cheia de amargura — e você é uma atriz boa o suficiente para fazer isso, mas ninguém além de um fae pode controlar os produtos químicos que eles emitem e francamente, querida — ele disse o carinho com tanto desprezo quanto ela lhe mostrara, — você fede.

O rosto de Monica se enrugou em um rosnado feio. Por um momento, Tom pensou que ela poderia bater nele, mas ela pareceu pensar melhor. Suas mãos se fecharam em punhos e seus olhos dispararam para ele enquanto ela se virava para a porta, sua bolsa balançando loucamente atrás dela.

Parando logo antes da porta, ela girou de volta, uma mão no quadril apontando um dedo na direção dele. — Lembre-se disso quando estiver no tribunal e eles me proclamarem a vencedora e você for levado. Imagine como ficará o rosto da sua filha quando eu lhe disser que o pai dela é um filho da puta

que não a quer.

Raiva fervente consumiu Tom quando ele se dirigiu a ela. Ela mexeu com a maçaneta da porta, o terror em seu rosto o deixou saber que seu rosto não estava escondendo sua intenção assassina.

Antes que ele pudesse alcançá-la, ela abriu a porta. Ela não passou por isso, no entanto. Monica parou, seu caminho bloqueado por algo na porta que Tom não podia ver.

Monica inclinou o corpo levemente com uma mão no quadril, para que quem estivesse na porta pudesse vê-la. A visão da pessoa parada na porta gelou a raiva de Tom.

Sage ficou lá, com a mão no ar como se estivesse prestes a bater. Sua mão deslizou de volta para o lado e seu rosto se encheu de confusão e depois doeu. Tom deu um passo em direção à porta, abrindo a boca para explicar. Ele sabia como era, ele de toalha e Monica saindo de seu quarto, mas ele não teve a chance.

Monica deu-lhe um sorriso de merda por cima do ombro antes de dizer a Sage: — Ele é todo seu, querida. — Ela empurrou a advogada, os calcanhares clicando no piso de mármore do corredor.

— Espere, deixe-me explicar. — Correndo em direção à porta, Tom agarrou o braço de Sage antes que ela pudesse decolar. Sua raiva não apenas encheu a sala que estalou ao longo de sua pele a ponto de Tom quase ter que deixá-la ir ou ser queimada por ela. Se o fizesse, Monica venceria e ele já havia perdido o suficiente por causa dela.

Olhos mais negros que o abismo mais profundo, Sage cruzou os braços sobre o peito. Ela se afastou do toque dele e rosou: — Você tem cinco minutos.

Capítulo 14

Sage

UMA SÉRIE DE EMOÇÕES varreu Sage quando ela viu a ex-namorada de Tom, Monica. Ela veio ao quarto de Tom para ver como ele estava depois da reunião. Ver a filha e depois perdê-la de novo seria difícil para qualquer um. Ela estava preocupada que ele estivesse se deprimindo e queria ver se havia algo que ela pudesse fazer para aliviar sua dor.

Ela admitiria que parte dela esperava ter algum tempo a sós com o fae. A parte dela que ela rapidamente castigou por pensar com seus hormônios e não com a cabeça. Ele estava sofrendo. A última coisa que ele precisava era de Sage para complicar as coisas para ele.

Quando viu Monica saindo do quarto, ela se perguntou por que se preocupou com ele. Claramente, ele não estava tão chateado com o que tinha acontecido. Porém, ela teria que falar com ele sobre confraternizar com a oposição. Ele poderia estragar o caso todo!

Sem mencionar, a dor que sentiu em seu coração que ele não podia esperar até que o caso terminasse para ficar com alguém. Sage sabia que era uma mulher atraente, mas no momento em que viu Mônica, sentiu suas próprias inseguranças aumentarem. Sua personalidade desagradável tinha sido a única graça salvadora de Mônica ao pensar que Tom estava melhor sem ela. Agora ela não tinha tanta certeza.

— Não é o que parece, eu juro —, implorou Tom, seus olhos expressivos se enchendo de vergonha e um toque de alguma outra emoção que Sage havia confundido com raiva antes, mas agora ela tinha certeza de que era luxúria.

Ela deixou Tom puxá-la para o quarto dele, com os olhos fixos na parede e não nas planícies duras de seu peito nu ou na maneira como a toalha pendia baixa em seus quadris. Era difícil ficar com raiva de alguém que parecia tão tentador.

— Como você acha que era então? — Sage perguntou, batendo o pé no chão. — Porque para mim, parecia que você estava se encontrando com sua ex quando estava no meio de uma batalha de custódia. Você sabe o que isso pode fazer com o seu caso? Para Evie? Você a quer de volta? — Seus olhos se estreitaram e seu sangue ferveu quando um pensamento lhe ocorreu. — Ou você chegou a um acordo com ela?

— Um acordo? — Tom zombou, balançando a cabeça. — De jeito nenhum. Eu não a convidei para cá. Ela apenas apareceu. Eu disse a ela para sair. Duas vezes!

— Oh, duas vezes. Você se esforçou demais. — Ela o provocou, não sendo capaz de segurar seu ciúme e machucá-lo por estar com Mônica. — Se você se esforçou tanto, por que ela ainda estava no seu quarto? Você é um fae pelo amor de Deus. Você poderia tê-la forçado a sair. — Sage estava gritando agora, suas mãos acenando loucamente no ar.

Ela percebeu que, à medida que sua raiva aumentava, sua magia também aumentava. Ela caiu e rolou nela, pressionando contra sua pele, apenas procurando uma saída. Sage estava meio tentada a ceder a isso.

— Eu queria machucá-la, acredite em mim. — A magia de Tom respondeu à dela, com os olhos nublados, mais uma vez fazendo o azul de seus olhos parecer uma tempestade desenfreada. — Você não ouviu as coisas horríveis que ela disse depois que eu lhe disse que não a aceitaria de volta. Ela continuou tentando me dizer que cometeu um erro. Phillip a obrigou a fazê-lo. Talvez eu não tenha uma educação universitária, mas posso identificar um mentiroso a uma milha de distância, com ou sem meus sentidos fae.

A raiva de Sage diminuiu quando Tom explicou. Depois de conhecer a mulher terrível, ela não deixaria de fazer algo assim. Ela estava se debatendo na sala de reuniões e provavelmente sabia que não tinha chance no tribunal. Por que mais ela completaria oitenta anos e tentaria retirar tudo?

— Bem, estou feliz que tenha tido senso suficiente em você para mandá-la embora. Ainda podemos ter uma chance de ganhar essa coisa. — Sage assentiu, batendo-se interiormente na claudicação de suas palavras. Em vez de demorar mais para tornar a situação ainda mais embaraçosa, ela se virou para sair.

Antes que ela pudesse chegar à porta, porém, a mão de Tom a deteve. Olhando para a mão dele e voltando para o rosto dele, o interior dela se apertou com o calor nos olhos dele. Ela lambeu os lábios e deixou que ele a atraísse para ele.

— Não era apenas o caso que eu queria vencer. — Ele escovou os cabelos atrás da orelha, seu toque enviando tremores através dela. Parecia que não importa o quê, ela não podia ficar brava com ele. Talvez tenha sido a combinação de sua magia. Ou talvez ela só o quis tanto que lutar com ele não fazia mais sentido.

Ele a pressionou contra ele, sua voz murmurando em seu ouvido. — Eu não a queria. Eu quero você. — Sua voz não estava mais cheia de

arrependimento, mas algo mais sombrio que puxou as coisas baixas dentro dela.
— Não vá, por favor.

Foi o *por favor* que a fez entrar, que a fez permitir que ele a levasse de volta para seu quarto. Quando os lábios dele acariciaram os dela, ela sabia que não poderia ter dito não, mesmo que quisesse. Sua magia não a deixaria, seu corpo não a deixaria. Inferno, os próprios deuses não teriam sido suficientes para fazê-la dizer não a este homem incrível.

A boca dele envolveu a dela, assumindo-a como se fosse dele. Dentes beliscados e sua língua cutucou dentro e fora de sua boca como se ele não pudesse obter o suficiente dela. Sage não se cansava dele.

Mãos grandes vieram e seguraram seu rosto, trazendo-a mais fundo no beijo. As mãos de Sage encontrou os músculos quentes do peito de Tom. Elas deslizaram para envolver seu pescoço, e ela arqueou-se na ponta dos pés para pressionar seu corpo mais perto dele, até que ela podia sentir o comprimento dele empurrando contra seu estômago.

Tom fez um barulho baixo no fundo da garganta que vibrou através de seu corpo, colocando seus mamilos em pontas endurecidas. Ela esfregou a frente do corpo contra o dele, buscando um atrito que somente ele poderia lhe dar. Todo movimento causava um choque elétrico que passava por seus seios e direto ao seu núcleo, causando viscosidade entre suas pernas.

Algo no ar deve ter alertado Tom para sua necessidade desesperada, porque ele parou de beijá-la e a agarrou pela cintura, levantando-a até que ela colocou as pernas ao redor dele. O calor dela, pressionado contra o estômago dele com apenas as calças entre eles, puxou um gemido de Sage. Ainda não era suficiente.

Ela estendeu a mão e puxou a toalha em volta da cintura dele, surpresa por ter ficado por tanto tempo. Ela caiu no chão e seu pênis saltou para frente batendo na bunda dela. Sage se apoiou contra ele, tentando aliviar o fogo que estava construindo nela.

— Impaciente, não é? — Tom riu, parando o movimento dos quadris dela com as mãos. Ele os acompanhou pelo quarto e foi até a cama. Deitando-a em cima dele, ele se afastou dela, dando-lhe a vista mais deslumbrante que ela já tinha visto.

Ele era perfeito. Do peito coberto de tatuagem até o abdômen lambível, ele era tudo o que ela havia fantasiado. E mais. Os olhos dela deslizaram pelo corpo dele e pousaram em seu pênis, que saltou no ar como se tentasse chamar sua atenção. Bem, tinha. Longo e duro, com apenas uma pitada de pré-ejaculatório

brilhando na ponta, fez com que ela lambesse os lábios subconscientemente, puxando um gemido de Tom.

— Continue olhando dessa maneira, querida, e eu não vou durar muito mais tempo. — Os olhos de Tom, escuros de desejo, concentraram-se nela enquanto ele se arrastava até a beira da cama. — Agora —, disse ele, suas mãos encontrando a cintura de suas calças. — Um de nós está vestido demais.

— É assim mesmo? — ela sussurrou. O fato de ela poder falar era um milagre em si mesmo. A sala tinha tanta pressão da combinação de sua magia que ela sentiu que iria implodir no momento em que ele a tocasse.

Ele desabotoou as calças dela e puxou-as e a calcinha pelas pernas antes que ela pudesse registrar o ar fresco em sua pele. Seus dedos brincavam ao longo das extremidades de suas coxas, provocando, mas nunca tocando onde ela realmente queria. Observando-o de sua posição na cama, apoiada nos cotovelos, ela soltou um gemido frustrado.

Os lábios de Tom se curvaram em um sorriso conhecedor, e ele deslizou as mãos ainda mais longe do clitóris dolorido e subiu por baixo da blusa. Ela não conseguia se lembrar de que estava usando, mas logo foi esquecida quando ele o tinha e seu sutiã jogado para o lado.

— Agora, doçura. O que você quer? — A respiração dele soprou nos mamilos endurecidos, a sensação fazendo com que ela voltasse a arquejar em necessidade.

— Toque-me —, ela ofegou quando a mão dele segurou um de seus seios na palma da mão, tocando apenas a curva e não o aço doloroso que os bicos haviam se tornado. Ela tentou mover o peito para que ele esfregasse contra a mão dele, mas ele simplesmente a segurou no lugar, sem lhe dar um centímetro.

— Diga-me —, ele ordenou, sua voz quente contra o ouvido dela. — Diga-me onde você quer que eu te toque.

— Qualquer lugar, todo lugar.

— Agora. Isso não é uma resposta. — Ele repreendeu com um leve ruído de tutoria. — Seja mais específica. Você quer que eu te toque aqui? — Ele perguntou, arrastando a outra mão pelo estômago dela para descansar logo acima da virilha — Não, mais abaixo —, ela murmurou, sabendo o que ele queria que ela dissesse, mas não corajosa o suficiente para dizer.

— Então, que tal aqui? — A mão dele deslizou sobre o quadril dela e desceu até o topo da coxa, ignorando completamente onde ela mais precisava dele.

Balançando a cabeça, ela pegou a mão dele e o fez tocá-la onde ela queria.

Antes que ela pudesse segurá-lo, a outra mão soltou o peito dela e o capturou, colocando-a acima da cabeça.

— Agora isso é trapaça —, ele riu sombriamente. — Mãos aqui em cima. — Ele pegou a outra mão e ela se juntou ao par acima da cabeça dela. Os olhos dele examinaram o corpo dela, a pele dela esquentou com a intensidade do olhar dele misturada com os pequenos detalhes mágicos que vinham dele onde ele a tocava.

Ele apertou os lábios ao longo da coluna do pescoço dela e depois desceu entre os seios, terminando abaixo do umbigo. Olhando para ela do estômago, sua boca endureceu e seus olhos brilhavam como fogo azul.

— Não há mais jogos. Diga-me onde você quer que eu te toque. — Sua voz não tinha espaço para discussão. Ela sabia que se não respondesse dessa vez, acabaria. Ele pararia de tocá-la e ela partiria. Uma pequena parte dela queria uma chance de parar, sair enquanto ainda podia, mas era tão minúscula que Sage a empurrou para o fundo de sua mente.

— Minha boceta —, ela gaguejou, incapaz de parar o calor que subiu ao rosto ao dizer a palavra. — Toque minha boceta.

— Isso, garota. — Sua boca se curvou em um sorriso largo, como se ela tivesse acabado de lhe dar o melhor presente do mundo. Por tudo, ela sabia que tinha.

Um único dedo deslizou entre seus lábios, deslizando facilmente ao longo de seu clitóris pelo quão escorregadia ela estava com necessidade. Ele esfregou o nó, apenas tocando a cada círculo, deixando-a louca. Ela balançou os quadris em direção à mão dele, tentando obter algum tipo de alívio.

No momento em que seus quadris deixaram a cama, ele retirou a mão dela. Ela abriu os olhos, prendendo-os com seu olhar intenso. Ele levou o dedo à boca, deslizando-o entre os lábios e sugando-o.

— Você quer que eu continue? — Ele perguntou com uma sobrancelha levantada. — Ou devo parar?

Ela se pressionou mais perto dele, não se importando com o quão desesperada ela parecia. Ela queria sua liberação. Precisava disso. Nesse ponto, ela não estava muito orgulhosa de implorar, desde que ele não parasse de tocá-la.

— Não pare. — A voz dela saiu rouca e ansiosa para que as mãos dele voltassem à carne quente dela. As coxas de Sage esfregaram juntas, buscando algum alívio para a pressão entre suas coxas.

Antes que ela pudesse contemplar o que ele faria a seguir, ela foi virada de costas para a frente. Ele a manobrou como uma boneca. Empurrada até os

joelhos até que sua bunda estava no ar, suas pernas foram empurradas para que seu núcleo dolorido estivesse aberto no quarto.

— Oh, você deve ver como está —, ele resmungou, seu corpo esquentando um pouco o dela enquanto examinava seu trabalho útil.

Com a cabeça virada para o lado, a bochecha pressionada contra o colchão, ela tentou observá-lo pelo canto do olho, mas só conseguia ver a linha do lado dele. Isso a emocionou e frustrou como nenhuma outra. Ansiosa por fazer as coisas funcionarem, ela balançou os quadris para trás, procurando por aquele pedaço dele que tanto precisava.

— Não, pare com isso —, disse ele, sua mão caindo com um tapa na bunda dela, causando uma picada deliciosa em sua carne. Infelizmente, não fez nada para acalmar sua dor; apenas aumentou. Ela não se mexeu, porém, sabendo que quanto mais desobedecia, mais tempo levaria para conseguir o que queria. Parecia uma tortura para ela. Sage esperava que valesse a espera.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, ela sentiu seu pênis deslizar ao longo de sua fenda. Ela assobiou enquanto roçava seu feixe de nervos e quase chorou quando desapareceu. Justo quando Sage não sabia o quanto de suas provocações ela podia aguentar, ela sentiu a ponta dele em sua entrada.

Em lentos movimentos agonizantes, ele avançou dentro dela, seu tamanho a esticando até o máximo em um tipo doloroso de prazer. Ele não esperou que ela se ajustasse, apenas começou a mover seus quadris contra os dela em um ritmo tortuosamente glacial.

No começo, era apenas uma questão de manter o ritmo e depois se tornou algo semelhante à agonia. Ela abriu os olhos brevemente para dizer-lhe para ir mais rápido quando seu olhar caiu em suas mãos. Ela estava brilhando. Um tipo baixo de brilho que começou em algum lugar sob sua pele. Sage nunca tinha se visto fazer isso antes, e ela teria perguntado a Tom se ele não estivesse dentro dela tentando fazer um buraco no outro lado.

Tom deu um impulso particularmente forte que fez com que todos os pensamentos de sua pele peculiar saíssem de sua cabeça e tudo em que ela conseguia pensar era no homem atrás dela. Ela empurrou os quadris de volta para ele em resposta, tentando dizer-lhe com o corpo que ela não tinha o suficiente. Ou ele não estava entendendo a mensagem ou não se importava porque seus impulsos permaneciam no mesmo ritmo insuportável.

— Mais! — Ela gritou, suas mãos agarrando o cobertor debaixo dela. A lenta acumulação estava fazendo com que a dor atingisse uma altura exponencial que ela nunca conseguiria superar. Seu clitóris queimava e seus mamilos doíam.

Ela sentiu como se fosse morrer se não fosse libertada logo.

Dedos agarraram seu cabelo, segurando-o com força, de modo que sua cabeça subiu da cama, suas costas arqueadas. Com um forte aperto no cabelo, o ritmo de Tom aumentou. Seus impulsos se tornaram mais fortes quando ele disparou profundamente dentro dela.

Ele bateu nela e cada movimento ondulou ao longo do interior dela se espalhando por ela. Começando em seu âmago, deslizou pelas pernas e depois subiu pela barriga até os seios pendurados pesadamente acima da cama. Agora que ele não estava tentando matá-la com seu ritmo vagaroso, aquele pico que estava fora de alcance a invadiu.

Gritando quando seu orgasmo a alcançou, os olhos de Sage se fixaram na superfície de sua pele, onde o brilho opaco de sua pele se transformou em um farol de luz. Ela não precisava olhar para trás para saber que a pele de Tom combinaria com a dela; ela podia sentir isso zumbindo nas costas dela. Se alguma coisa o brilho a fez liberar-se mais intensa quando a magia entre eles inchou e depois explodiu sobre eles, fazendo seus olhos brilharem quando ela caiu na cama.

Pela primeira vez em sua vida, ela finalmente entendeu o que sua mãe estava perdendo tanto. Se isso era nem metade do que tinha sido para ela, Sage não podia imaginar querer estar com mais ninguém. O pensamento a excitou e a aterrorizou, porque ela sabia em seu coração que ela já estava muito envolvida.

Capítulo 15

Tom

NÃO DEMOROU TANTO quanto Sage pensara para eles receberem uma audiência. Parecia que o juiz estava particularmente interessado no caso deles e os recebeu dentro de uma semana. Infelizmente, isso significava que Tom e Sage tiveram que colocar seu relacionamento em segundo plano novamente.

Aquela noite juntos não foi suficiente para nenhum deles, mas ambos concordaram que mais uma semana não os mataria. Eles praticamente se comportaram, além da sessão de encontros aleatórios que os deixou ofegantes e querendo mais. A tensão em seus corpos não era nada comparada à tensão que Tom estava sentindo sentado naquele tribunal.

O martelo atingiu o púlpito com um forte clique, anunciando que o tribunal estava agora em sessão. Tom sentou-se em seu assento ao lado de Sage, apreensão crescendo nele. Ele nunca foi ao tribunal antes, nunca esteve tão perto do homem da lei. Em sua linha de trabalho, era algo a ser evitado, mas com o que estava em jogo, ele realmente não tinha escolha. Ele tinha que fazer isso.

— Conselheiros. Vocês podem fazer suas declarações de abertura. — O juiz, um homem de cinquenta anos com uma cabeça cheia de cabelos apimentados e olhos neutros, disse.

No momento em que o homem entrou na sala, Tom procurou seu perfume, tentando avaliar se o juiz era prejudicial à sua espécie. Um juiz tendencioso faria qualquer coisa ao seu alcance para garantir que eles perdessem, mas Tom não conseguia ler o cara. Ou ele era muito bom em controlar suas emoções, ou realmente não se importava de um jeito ou de outro com a herança de Tom.

O advogado de Mônica deu a volta na mesa e entrou no centro da sala de audiências, sua baixa estatura apenas o fez parecer velho e cansado, algo que Tom imaginou que não era bom para um advogado. Enquanto seu corpo poderia estar decaindo, a mente do homem era afiada e seus olhos se fixaram em Tom com uma ferocidade que o fez se contorcer em seu assento.

Para uma audiência de custódia, um júri normalmente nem estaria presente, mas quando se tratava de casos sobrenaturais, eles eram obrigatórios. Muitas vezes os juízes haviam deixado um sobrenatural inocente se deixar levar por causa de suas próprias opiniões pessoais. Dessa forma, era menos provável que isso acontecesse, às vezes o juiz ainda conseguia o que queria.

— Esse homem, esse *fae* —, disse o advogado de Mônica com uma pitada de repulsa, incapaz de esconder seus sentimentos pessoais ou esperando que o júri pudesse se relacionar, — está sendo julgado pelo mau uso da magia e pelo perigo de uma criança, e não é isso que é o mais importante? Nossos filhos? — Seus olhos suavizaram no momento certo, voltando-se para o júri com um sorriso sombrio. — Você gostaria que seus filhos crescessem com um monstro olhando para eles? Nunca sabendo quando eles podem atingir seu limite e atacar? Sinto muito, senhoras e senhores do júri, mas isso não é algo que eu gostaria de ter em qualquer criança.

Seu discurso foi curto, mas teve o efeito desejado no júri. Cada um de seus olhos se voltou e caiu sobre Tom, alguns misturados com raiva, outros curiosos e outros apenas querendo saber como ele era nu. Infelizmente, esse veio de um homem grande que parecia suar mais do que deveria no tribunal legal. De qualquer forma, Tom não achou que o julgamento estava começando bem.

Sage, no entanto, não parecia nem um pouco irritada. De fato, ao se levantar da mesa e seguir para o meio da sala, ela parecia empoderada como se fosse uma rainha abordando seus súditos leais. Ela pertencia lá e eles sabiam disso.

— Senhoras e senhores do júri, enquanto meu colega fez excelentes observações, pergunto o seguinte: essas também não são o mesmo tipo de qualidades que você não gostaria em um pai *humano*? O que torna esse julgamento tão único, como vê, é que não estamos julgando o Sr. Rumple com base nas suas habilidades de ser pai, mas com base em sua natureza. Sua natureza *fae*. E quem realmente conhece a verdadeira natureza de um *fae*? Apenas os próprios *fae*.

Ela caminhou até o júri, onde colocou as mãos no corrimão, encarando-os cada um nos olhos. — Este não é um caso de uso indevido de magia ou risco de criança, mas o de uma mulher que queria um motivo para ter tudo isso e não deixar nada para o Sr. Rumple, baseado apenas em sua herança. Que senhoras e senhores do júri, é o que chamamos de racismo.

Tom poderia ter batido palmas com o desempenho dela. Ela era brilhante e maravilhosa. Sage não apenas contestou as alegações do advogado de Mônica, mas também colocou na cabeça do júri que Mônica era o vilão, não ele. Ele nunca quis beijá-la tanto em sua vida.

Ele olhou de relance para Mônica, que estava carrancuda ao lado do advogado dela. Quando ele chegou lá, ele procurou Evie, meio esperando que ela estivesse lá e meio desejando que Mônica tivesse o bom senso de deixá-la em

casa. Felizmente, parecia que sua ex tinha algum sentido, porque Evie não estava em lugar algum. Tom não podia dizer o mesmo sobre Phillip, que estava sentado na fila atrás dela com um sorriso presunçoso e nervoso no rosto.

— O conselheiro chamará sua primeira testemunha —, a voz do juiz ordenou de sua cadeira. Isso lembrou Tom da Corte Seelie, com ele lá em cima e eles lá embaixo. Ele era o rei deste tribunal e queria ter certeza de que todos sabiam disso.

— Eu vou chamar senhorita Monica Straw para a banca, excelência —, proclamou o homem mais velho - Tom ainda não tinha ideia de qual era o nome dele.

O oficial de justiça levou Mônica até o banco e a instruiu a levantar a mão direita e jurar dizer a verdade. Quando ela disse *que sim*, Tom quase rosnou. Seu perfume estava gritando *mentira, mentira, mentira* e ela tinha dito apenas duas palavras. Ele não estava confiante de que o juiz e o júri seriam capazes de vê-la tão bem quanto ele.

— Senhorita Straw —, começou seu advogado. — Por favor, conte-nos o que você me contou sobre seu tempo com o Sr. Rumple. Como vocês se conheceram?

— Eu não me lembro —, disse ela, desespero preenchendo sua voz.

— Vocês estavam juntos há sete anos e não se lembram de quando se conheceram? — Ele balançou a cabeça com um som de tutoria. — Você tem uma memória muito ruim ou algo mais estava acontecendo. O que você acha, senhorita Straw?

— Tenho uma memória perfeitamente boa. Não me lembro porque não estava me controlando na época. — Suas palavras atacaram, raiva enchendo seus olhos.

— Você está sugerindo que o Sr. Rumple a assediou? Por sete anos? — Dessa vez, o homem se voltou para o júri enquanto dizia suas palavras, certificando-se de que sentiam o peso de seu peso.

— Não, não os sete anos inteiros. — Monica balançou a cabeça, lágrimas enchendo os olhos. Ela torceu as mãos no colo e sua linguagem corporal disse que estava angustiada, mas Tom sabia melhor. — Eu não sabia. Eu estava sob seu feitiço até que acordei no hospital depois que Evie nasceu. Foi quando eu soube que tinha sido presa por Tom.

— Agora, peço a vocês, senhoras e senhores, não é proibido o uso da magia para convencer um humano a fazer sua vontade, seja como um amante ou um simples servo, um mau uso? Não temos leis em vigor para nos proteger

contra isso? E para piorar as coisas, o Sr. Rumple não apenas violou os direitos dessa mulher, mas também foi forçada a ter uma filha com ele, uma filha que ela nunca desejou, mas não pôde abandonar a esse monstro. — Ele apontou um dedo ossudo e enrugado na direção de Tom, causando um alvoroço do júri.

O juiz bateu o martelo e gritou: — Ordem, ordem no tribunal. Sem xingamentos, Ernstrine. — Seus olhos se estreitaram no homem mais velho, que fingiu ser castigado.

— Peço desculpas, sua excelência. Não tenho mais perguntas. — Ernstrine, um nome que Tom não pôde deixar de rir - voltou para a mesa e sentou-se, com uma expressão de satisfação no rosto.

— Senhorita Straw. — Sage se aproximou do banco, as mãos atrás das costas. — Você disse que não se lembra de como você e o Sr. Rumple se conheceram, isso está correto?

— Sim, antes de acordar no hospital, nunca tinha visto aquele homem na minha vida. — Os olhos dela se voltaram para Tom e depois para Sage.

— Isso é interessante. — Sage balançou um dedo no ar quando se virou de Mônica e para o júri. — Eu não acredito que tenha havido um caso em que alguém que tenha sido assediado não se lembre de nada. Na verdade, eu conheci várias vítimas da mesma situação em que você alega estar, Srta. Straw, e cada uma delas se lembra de tudo, com detalhes vívidos, tanto que muitas delas tiveram que ser institucionalizadas porque não podiam lidar com o que foi feito com eles. Agora me diga mais uma vez, Srta. Straw. — Sage virou-se para encontrar os olhos de Mônica, que se tornaram frenéticos e inseguros. — Você tem certeza de que não se lembra de nada até o momento em que acordou no hospital?

— Eu juro. Não me lembro de nada. Talvez eu bati minha cabeça ou ele me bateu. — Ela apontou um dedo para Tom, sua voz se tornando um apelo desesperado para que eles acreditassem nela.

— Senhorita Straw, não. Acho que não, porque a sua história não apenas não se resume, mas você acabou de dizer ao seu advogado que percebeu o que havia acontecido durante o parto, mas me disse que foi quando você acordou. Mas também, você não está mostrando nenhum sintoma de alguém que estava sob um feitiço fae. — Sage virou-se para encarar o júri e se dirigir a eles. — Todos nós vimos as reportagens, os casos horríveis de mulheres que foram gravadas por anos antes de finalmente irromper. Eu ganho a vida defendendo essas mulheres. Você sabe o que elas me dizem? Como é estar na presença de quem as assediou?

Ela esperou um momento, deixando a tensão aumentar. — É uma agonia, pura agonia até estar na mesma sala que eles. Embora eles possam ter quebrado o feitiço, leva anos, *anos* — ela lançou um olhar para Mônica antes de voltar para os jurados — para parar de sentir as coisas por eles. Necessidade, querer, até amor. E aquelas que foram perseguidas por tanto tempo quanto a Srta. Straw aqui afirma ser, precisam ser forçadas a se manter afastadas dos fae que as perseguiram, porque é tão difícil quebrar seu feitiço quando eles a tiverem.

Com as mãos atrás das costas, ela passeava pelo chão como se fosse a dona do lugar. Os jurados estavam na ponta do assento, os rostos paralisados nela a cada momento. Sage os tinha na palma da mão.

— Agora, senhoras e senhores, diga-me, essa mulher —, ela apontou um dedo para Mônica, que baixou o olhar para o chão enquanto o júri se voltava para ela, — parece alguém que está tendo dificuldade em ficar longe do Sr. Rumples? Não a vejo pulando da cadeira para chegar até ele. Ela nem sequer disse o nome dele. Esta não é uma mulher assediada. — Ela balançou a cabeça e voltou para a mesa deles. — Sem mais perguntas, sua honra.

Após o desempenho recorde de Sage, o testemunho de Tom foi apenas uma formalidade. Ambos sabiam que estava praticamente na sacola. O júri não estava mais do lado de Mônica. Tom podia ver a desconfiança e nojo no rosto deles quando ela deixou o posto.

Parecia que ele havia contado sua história um milhão de vezes quando chegou ao banco. Ele havia ensaiado com Sage todas as noites até ficar com o rosto azul. Ele sabia exatamente quando olhar para o júri durante sua história, que causaria maior impacto. Quando olhar para Mônica para fazer o júri sentir sua raiva.

Ele retratou o pai amoroso que ele era e não demonstrou nenhum interesse com o dinheiro ou com a mulher que o havia tirado dele. Toda sua dor de cabeça e razões para estar lá tinham a ver com uma garotinha que era seu mundo.

Ao deixar o posto, sentiu em seu coração que o júri estava do seu lado. Que ele ganharia isso e que Mônica não seria capaz de machucá-lo mais. Então ele, Evie e Sage, se ela ainda quisesse, poderiam viver felizes para sempre.

Mesmo se sentindo assim, quando o júri voltou da deliberação segurando aquele pequeno pedaço de papel que decidia seu destino, seu coração bateu forte no peito e suas mãos começaram a suar. O exterior de Sage era frio e calmo, com um sorriso nos lábios como se ela já soubesse os resultados, mas sua magia estava pulando por todo o lugar, e seu cheiro era de incerteza e esperança. As duas coisas que Tom estava sentindo em si mesmo.

Um dos trabalhadores da corte estava ao lado do júri, com os olhos no papel nas mãos. Sua voz soou alta e clara para todos ouvirem, mas ele não tinha ideia do que o homem havia dito porque o sangue de Tom estava bombeando muito alto em seus ouvidos.

— O que ele disse? — ele se virou para Sage com espanto, apenas percebendo as reações contraditórias da multidão.

Sage virou-se para ele com um sorriso tão bonito que quase o cegou. — Nós ganhamos. Você ganhou, Tom. Você vai ter sua filha de volta!

Capítulo 16

Sage

OS OLHOS DE SAGE seguiram Evie enquanto brincava no playground com as outras crianças. A menina era o inferno mais precioso que já existia. Ela era doce e gentil, mas podia fazer uma birra como nenhuma outra. Exatamente, como seu pai, Sage refletiu com um sorriso.

— Como se sente? — Ela colocou a mão na dele, apertando-a.

— Como se sente o que? — A cabeça dele inclinou-se para a dela, seu olhar nunca deixando a forma da filha.

Ele era o pai mais atencioso que ela já vira. Era como se ele estivesse preocupado que Evie fosse tirada dele novamente, e então ele não queria perder nada. Era muito cativante para Sage suportar. Ele era tão perfeito. Ela não entendeu por que Mônica iria querer desistir dele.

Uma vez que Sage tinha feito o máximo possível de buracos na história de Mônica, era fácil ver como o júri votaria em seu caminho. Mônica havia mentido. Ela era uma cadela egoísta que só queria deixar Tom por outro homem e não dar nada a ele.

Seu egoísmo não fez nada além de acusá-la de perjúrio por mentir no tribunal. Ela estava enfrentando cinco anos de prisão, ou, se tiver sorte, em liberdade condicional, e por causa de seu veredito pendente, Tom recebeu a custódia exclusiva de Evie.

Foi a primeira audiência de custódia de todos os tempos que resultou no vencedor sobrenatural. No noticiário, eles estavam dizendo que o caso de Tom foi o último empurrão que os tribunais precisaram para permitir que a cidadania dos sobrenaturais acontecesse. Eles só precisavam de um motivo para acreditar que poderiam ser bons no meio de todo o mal que poderiam trazer. Sage não poderia estar mais feliz por ele.

Alguns dias após a audiência, Tom decidiu que ele e Evie precisavam de um novo começo. Eles pegaram todas as coisas dela em New Hampshire e se mudaram para Miami, onde Tom reclamou do calor, mas parecia amá-lo de qualquer maneira. Evie não parecia se importar em nenhum caso.

Fazia três meses desde então, e Sage passava bastante tempo com Tom e Evie. Ele a estava ensinando a controlar seus poderes e ela começou a ajudá-lo a se tornar um membro honorável da sociedade. Se Tom realmente pertenceria ou

não ao mundo humano, dependia dele, mas ele estava chegando lá, e Sage estava feliz em ajudá-lo de qualquer maneira que pudesse.

— Ser um bom cidadão dos EUA. — Ela sorriu para ele de brincadeira, batendo no ombro dele com o seu.

— Está tudo bem. Poderia ser melhor. — Tom riu e colocou a mão dela na dele, levando-a à boca. Sage ofegou enquanto acariciava o topo com uma escova de seus lábios, o único movimento enviando uma onda de choque de magia através dela.

Isso é algo novo que Tom estava ensinando a ela. Enviar magia através de outra de propósito. Ele adorava fazer isso nos momentos mais inadequados e sempre de uma maneira que a deixava molhada de necessidade. Sage realmente não podia reclamar, pois geralmente acabava com um orgasmo alucinante, mas ela não podia esperar até ter controle suficiente sobre sua própria magia para retribuir o favor. Pela primeira vez, ela gostaria de trazê-lo de joelhos com apenas um toque.

— Estamos em público, Tom. — Afastando a mão, ela bateu nele.

— Isso nunca nos parou antes. — Seus olhos franziram para os lados e ele piscou para ela com um sorriso conhecedor.

O rosto de Sage se encheu de calor com a lembrança da única vez em que foram atrás de uma árvore no meio do dia. Era uma parte isolada do parque, mas ela ainda conseguia ouvir crianças brincando e frequentadores do parque percorrendo os trilhos enquanto ele batia nela, sussurrando coisas sujas em seu ouvido. Só de lembrar fez suas coxas pressionarem juntas.

— Isso não vem ao caso —, ela murmurou e voltou sua atenção para onde Evie estava tentando subir em cima do escorregador infantil. A garota tinha coragem, isso era certo. Ela subiu em tudo o que podia se apossar e nunca demonstrou medo de cair. Tom disse que era o fae nela. Sage discordou.

— Você já ouviu alguma coisa sobre seu pai?

— Não, ainda não —, ela deu uma resposta indiferente, mas por dentro ela estava nervosa com a menção do pai.

Quando o julgamento terminou, Sage decidiu que era hora de encarar a música. Ela era metade fae, e agora que tinha poderes, não podia mais negar essa parte dela. Então, depois de uma ligação cheia de lágrimas para a mãe, que quase nada sabia sobre o pai, nem mesmo o nome verdadeiro dele, ela entrou em contato com a moderadora.

Ela esperava que de alguma forma pudesse encontrá-lo. Porém, Sage não tinha certeza do que diria quando o visse. Não havia intenção de reacender

algum tipo de relacionamento amoroso de pai e filha entre eles, mas ela achava que deveria pelo menos encontrar o homem mais uma vez. Talvez descubra que tipo de poder ele tinha, para que ela soubesse o que esperar dela.

Além disso, ela só tinha um pai. Era justo dar a ele a chance de se ferrar novamente antes de descartá-lo para sempre. Havia uma boa chance de ele ter um motivo para ficar longe, e Sage não queria passar a vida se perguntando o que aconteceu.

Evie correu para eles, rindo como uma banshee. — Para cima. Para cima! — Ela gritou para eles, segurando as mãos deles para puxá-los do banco.

Rindo, Sage se deixou levar pela garotinha, Tom rindo bem ao lado dela. Eles fizeram o seu caminho até o balanço onde Evie declarou que eles deveriam empurrá-la.

Revezando-se e empurrando a garota rindo, o coração de Sage inchou de felicidade. Ela não estava tão feliz desde que se mudou para Miami. Certo, Wendy também esteve lá, mas definitivamente não superou ter Tom e Evie tão perto.

O telefone de Sage tocou, sinalizando uma mensagem de texto, fazendo-a parar no meio do pressionamento. Ela olhou para a tela. Era da moderadora.

Ela fez uma careta com o nome. Chamá-la de moderadora estava realmente ficando velho, mas ela se recusara a dar seu nome, algo sobre nomes terem poder. Sage ainda tinha muito a aprender sobre os fae.

— O que diz? — Tom se inclinou para olhar a tela em sua mão, sua mão pegando a folga dela não empurrando.

— Não muito. — Sage deu de ombros, tentando não deixar que as palavras na tela aumentassem suas esperanças. A Moderadora não tinha sido capaz de apresentar muito até agora, e estava começando a parecer que seu pai havia caído da face da terra. Ou ele estava de volta ao subterrâneo, onde residiam os tribunais fae.

— Ela acha que tem uma vantagem. Em LA algo sobre um espelho. Ela voltará para mim quando tiver provas mais concretas. — Sage balançou a cabeça, não gostando da falta de informação que havia recebido. Todas as mensagens que ela recebeu foram assim, então ela deveria estar acostumada a isso agora.

— Bem, isso é muito enigmático —, afirmou Tom, com a mão ainda empurrando a garotinha na frente deles. Ele fora seu reduto durante toda a provação. Disse que ela estava lá por ele quando ninguém mais estava, então era justo que ele estivesse lá por ela. Não que ela estivesse reclamando. Ela poderia

usar toda a ajuda que pudesse obter.

— Sim —, comentou Sage, inclinando-se contra Tom, a cabeça apoiada no ombro dele. — Acho que vou ter que esperar para ver.

Tom passou um braço em volta dos ombros dela, puxando-a para perto. Magia a atravessou, instalando-se em seu coração. Ela adorava quando ele fazia isso. Era como um casaco quente ao seu redor, deixando-a em segurança. *Ele* a fez se sentir assim.

— *Vamos esperar.* — Tom pressionou os lábios na lateral da cabeça dela, esfregando a mão no braço dela. — Eu não estou indo a lugar nenhum. Nem agora, nem nunca. Eu tenho tudo que preciso aqui.

O calor no peito de Sage se expandiu até encher todo o seu ser e ela sorriu. Pela primeira vez em sua vida, ela pôde concordar de todo coração. Mesmo que ela nunca encontrasse o pai, ela tinha tudo o que poderia querer aqui.

Fim